

Martinho Lutero Semblano

REFORMADORAS

AS MULHERES DA REFORMA PROTESTANTE

Capa e diagramação interna:
MARTINHO LUTERO SEMBLANO
Revisão ortográfica e gramatical:
ROBSON VERA CRUZ
Impressão:
ROBSON VERA CRUZ (revista@conselhonovavida.com.br)
Adaptação para a versão digital:
ISRAEL DANON (israel.danon@gmail.com)
Todos os direitos reservados a
MARTINHO LUTERO SEMBLANO

SEMBLANO, Martinho Lutero R.N., 1968-
Reformadoras: O papel das mulheres na Reforma Protestante. Rio de Janeiro: Scriptura, 2012. Edição 1.0.

1. História do cristianismo. 2. História da igreja. 3. História geral.

ISBN: 978-85-64291-76-8.

SUMÁRIO

Sumário

Introdução

Argula Stauffen von Grumbach

A primeira escritora protestante

Katherine Schütz Zell

Escritora, pregadora, hinóloga e pacifista

Marie Dentière

A incansável batalha pelo direito das mulheres

Katharina von Bora

Apoiadora, incentivadora, amiga, conselheira, administradora e abrigo seguro ao seu marido, e mãe dedicada aos seus filhos

Margarida de Navarra

A protetora da causa reformada na França

Jeanne III de Navarra

Em defesa da bíblia ao povo, no idioma que o povo entenda

Elizabeth I

Enfrentando todo o poder papal para manter a igreja inglesa livre

Conclusão

Bibliografia

Sobre o autor

Livros do autor



"Derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos **e vossas filhas profetizarão,** vossos velhos sonharão**,** e vossos jovens terão visões"

(Joel 2.28b).

INTRODUÇÃO

O REGISTRO PRECONCEITUOSO DA HISTÓRIA

A história é feita de fatos, documentos e interpretações. Neste sentido, sendo o registro da mesma produzido por pessoas inseridas em um contexto cultural, o papel das mulheres não apenas se manteve como coadjuvante no desenvolvimento das sociedades – e, inserida nas mesmas, da igreja – como também a elas foi confiscado, por séculos, o direito de registrar a história, uma vez que sua maioria não dispunha de acesso ao aprendizado da leitura e da escrita e, por isso, atinha-se limitada às funções relacionadas ao cuidado familiar, e tão somente a isto. Consequentemente, muitas mulheres que transformaram as sociedades e, igualmente, foram usadas por Deus, tiveram seu nomes apagados, seus pensamentos mitigados e mesmo seus feitos incógnitos diante do preconceito, da ignorância bíblica ou mesmo do medo de homens que redigiram as páginas da história cristã.

A IMPORTÂNCIA DO ACESSO GERAL À ESCRITA E À LEITURA PARA UMA HISTORIOGRAFIA ECLESIÁSTICA MAIS EXATA

O desenvolvimento das sociedades trouxe consigo não apenas um papel de maior relevância das mulheres no cenário político mas, especialmente, trouxe-lhes, ainda que aos poucos, o benefício do conhecimento da escrita, gerando como consequência uma alteração não apenas na documentação histórica do papel das mulheres na sociedade como também, igualmente, na percepção de suas grandes contribuições ao incremento da mesma, passando a deixar-nos um legado literário.

Deste modo, sei que qualquer obra que se possa escrever sobre o papel das mulheres na igreja será limitada e circunscrita a documentações escassas, mas, ainda assim, não podem ser negligenciadas. O que Deus fez através da vida de grandes homens da história eclesiástica também o fez através de mulheres, fosse orando, intercedendo, servindo, pregando, apascentando, discipulando, orientando, fazendo com o que o evangelho avançasse alcançando incontáveis multidões para a salvação, fossem elas as *priscillas*, as *lídias*, as *lóides*, as *eunices*, as *febes* ou qualquer uma das *marias*, além de vários outros exemplos bíblicos que poderíamos aqui trabalhar[1].

A TEOLOGIA REFORMADA DANDO VOZ AO PAPEL ATIVO DAS MULHERES NA HISTÓRIA DA IGREJA

Antes da Reforma Protestante, a historiografia eclesiástica limitava o papel das mulheres apenas como exemplos de fé, piedade, perseverança diante das tentações e martírios, assim também como um exemplo de sensibilidade mística, redundando em um grande número de, conforme a interpretação romanista, *beatas* e *santas*, ainda que, grosso modo, quase em sua integralidade virgens, sendo estas mártires ou místicas. Mesmo os poucos escritos produzidos por elas limitavam-se quase que integralmente a estas temáticas, fortalecendo a admiração de muitos ao exemplo delas, e tão somente a isto.

Com a eclosão da bendita Reforma da Igreja no século XVI, o mundo denominado cristão pôde voltar-se ao conhecimento bíblico – cuja integralidade lhe era vedada – e, tendo acesso às Escrituras Sagradas, pôde confrontá-la com as inúmeras superstições e adições humanas que tinham se tornado dogmas a serem aceitos, cridos e exercidos como vontade de Deus – quando quase sempre eram argumentos antibíblicos. Pautados no entendimento de que todos deviam ter acesso às Escrituras Sagradas (“SOLA

SCRIPTURA”) – homens e mulheres, senhores e servos – os denominados *leigos*, incluindo nestes as mulheres, começaram a ter voz presente no desenvolvimento da Reforma, tendo um papel ativo na construção do pensamento reformado. Afinal, resgatou-se a doutrina bíblica do “sacerdócio universal dos crentes”, tendo todos – homens e mulheres – acesso direto a Deus unicamente por intermédio e sob a mediação de Jesus, e não mais de pessoas específicas pertencentes a um grupo denominado *clero*. Limpando a igreja desta preconceituosa e antibíblica adição humana, tanto homens como mulheres eram – e são – sacerdotes (e sacerdotisas, se formos usar o termo em português), biblicamente autorizados a terem acesso a Deus:

> *“Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as grandezas daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1Pe 2.9).*
>
> *“Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra” (Ap 5.9-10).*
>
> *“Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne, e tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus, aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura” (Hb10.19-22).*

Dito isto, vale ressalvar que o galgar das mulheres a posições de liderança na igreja não foi nem imediata, nem unânime e nem paradigmática

entre os reformadores, havendo, inclusive, oposição ferrenha por parte de alguns (como John Knox, por exemplo). Neste caso, pautados não em dogmas, interpolações culturais ou em documentos misóginos de autores do período patrístico – que tanto influenciaram a igreja romanista – mas, com a bíblia aberta, em análises e interpretações de textos bíblicos sobre os quais enriquecedores debates foram abertos a outros autores cristãos cujos pontos de vista têm trazido à luz novas observações e interpretações do texto bíblico, sempre limitado ao mesmo dentro do contexto em que foi escrito, o que tem redundado em percepções teológicas distintas, ainda mesmo no primeiro período da reforma (luteranos, calvinistas, anabatistas de várias correntes, anglicanos etc.)[2].

Outrossim, é indubitável que a voz das mulheres foi libertada dos grilhões do exclusivo sacerdócio clerical-masculino que foram implodidos pela propagação dos textos sagrados referentes ao sacerdócio universal. Além disso, com um número cada vez maior de conventos sendo fechados, mulheres vocacionadas ao ministério não precisavam mais ficar enclausuradas nem celibatárias, ainda que mantendo o seu desejo de servir na obra de Deus, fazendo com que se envolvessem mais ativamente na causa reformada.

"Reformadoras": sete mulheres que transformaram a igreja e a sociedade em um século libertador

Delimitando-me ao intenso, revolucionário e libertador século XVI, restringi-me a escrever sobre algumas mulheres que viveram nesta época e que tiveram um papel ativo na reforma da igreja e da sociedade. Sete mulheres que não se contentaram, e que intervieram no andar da história alterando positivamente o seu curso, promovendo a defesa, a edificação e o crescimento da igreja e, concomitantemente, alterando a sociedade onde

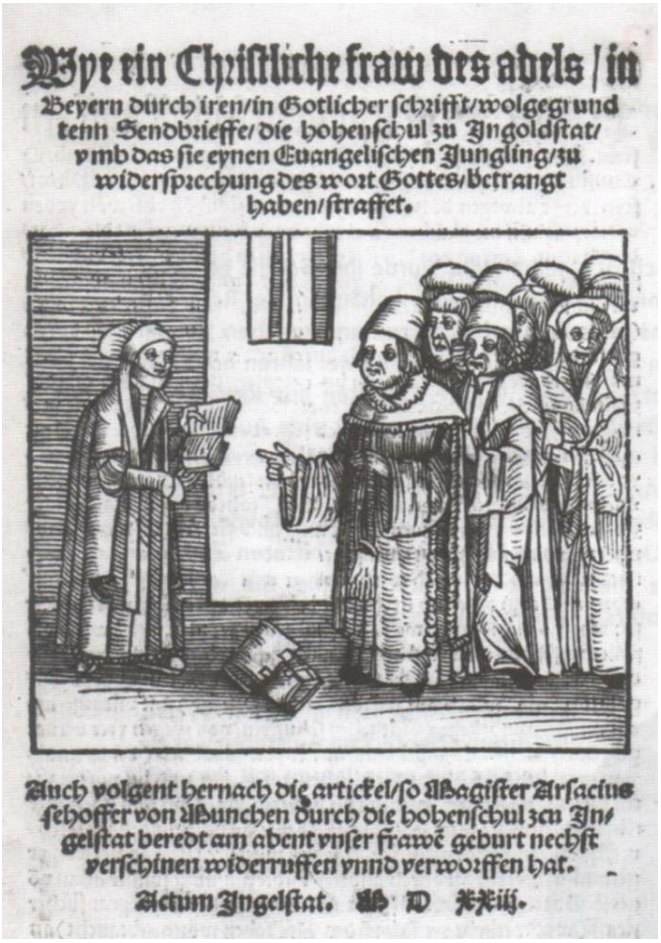
estavam inseridas. Mulheres com formações diferentes, de culturas diferentes, com experiências diferentes, mas que abraçaram com o mesmo amor, zelo e ardor a causa reformada, propagando a divulgação, leitura e estudo da bíblia ao povo e na língua que o povo a compreendesse e, consequentemente, pregando e escrevendo sobre assuntos bíblicos e teológicos (e não apenas sobre visões espirituais e vida contemplativa), além da liberdade de expressão e a liberdade de imprensa que os territórios protestantes proporcionavam, sem um índice de livros censurados cuja posse trazia penalidades severas.

Sobre estas sete mulheres escrevo este livro, e a todas as mulheres que têm militado para o crescimento e edificação do reino de Deus dedico estas páginas, em especial à minha amada esposa e amiga, Claudia, galardão que Deus me antecipou na peregrinação por esta terra estranha.



Argula Stauffen von Grumbach

A primeira escritora protestante



Wye ein Christliche fraw des adels / in Beyern durch iren / in Gotlicher schrifft / wolgegrund tenn Sendbrieffe / die hohenschul zu Ingolstat / vmb das sie eynen Euangelischen Jungling / zu widersprechung des wort Gottes / betrangt haben / straffet.

Auch volgent hernach die artickel / so Magister Arsacius schoffer von Munchen durch die hohenschul zen Ingelstat beredt am abent vnser frawē geburt nechst verschinen widerruffen vnnd verworffen hat.

Actum Ingelstat. M D xxiij.

Formação, vida pessoal e educação bíblica

Nascida em 1492 no castelo de Ehrenfels[3] (Alemanha), Argula von Stauffen pertencia à nobreza da Bavária, cujo título nobiliárquico, *Freiherr* ("senhor livre") – equivalente ao título de barão – os fazia reportar-se diretamente ao imperador. Sob tais privilégios, Argula começou a escrever e ler desde cedo e, quando tinha apenas dez anos de idade, seu pai a presenteou com um raríssimo exemplar da Bíblia de Koberger[4], ainda que sua aquisição e leitura fossem proibidas pela censura católico-romana. A partir de então, tornou-se uma insaciável leitora da bíblia.

Em 1516, com a idade de vinte e quatro anos, Argula se casou com Frederico von Grumbach, com quem teve quatro filhos e de quem ficou viúva treze anos depois, em 1529. Após três anos, casou-se novamente, desta vez com um conde protestante, tendo, com este, mais três filhos, e enviuvando em 1535.

Abraço à causa reformada

A partir da década de 1520 Argula começou a analisar a doutrina luterana e, comparando-a com os ensinamentos bíblicos, começou a envolver-se avidamente na causa reformada. A partir de então, começou a manter contato com os reformadores, especialmente com Paul Esperatus, com quem trocava regulares correspondências de teor doutrinário.

Primeira escritora protestante

Aprofundando-se na doutrina bíblica, Argula tornou-se a primeira mulher a produzir panfletos públicos para a Reforma Protestante, distinguindo-se dos demais escritores reformados por sua origem pois, além

de leiga era mulher, situação que a colocava em uma condição peculiar àquela época.

Lutando arduamente pela causa luterana, pautava suas teses no princípio proclamado por Lutero – "Sola Scriptura" – base esta que trouxe libertação aos leigos quanto ao direito dos mesmos à posse, leitura, estudo, interpretação e pregação da bíblia.

Seus oito panfletos foram muito divulgados e abriram tanto aos leigos como especialmente às mulheres o caminho para o conhecimento bíblico que a Reforma Protestante lhes concedera.

Sua firme defesa à causa protestante diante do reitor e professores da Universidade de Ingolstads

Em 1523 a Universidade de Ingolstadt – bastião da contrarreforma – expulsou um estudante de 18 anos vindo de Wittenberg, Arsácio Seehofer, simpático à causa luterana, extraindo do mesmo uma humilhante retratação. Ao ter ciência deste fato, Argula, aos 31 anos de idade, escreveu ao reitor e aos professores daquela universidade questionando sua postura acadêmica e propondo-lhes um debate, ainda que os comentários aos ensinamentos de Lutero fossem proibidos naquela região. Diante de um silêncio inicial, Argula continuou-lhes escrevendo, contraargumentando não apenas os professores mas, também, as autoridades civis, expressando que, em sua defesa (e dos demais estudantes que viessem a analisar as doutrinas protestantes) usaria a bíblia, sendo que aqueles deveriam utilizar este mesmo livro como base de sua preconceituosa decisão. Utilizando mais de oitenta textos bíblicos como base, argumentou:

> *"Ao nobre, digno, bem nascido e erudito reitor, e a todo o corpo docente da Universidade de Ingolstadt: quando soube o que fez a Arsácio Seehofer, sob o terror da prisão e da estaca, meu coração e*

meus ossos tremeram. Que escritos de Lutero e de Melanchton você condenou? Você não tem como refutá-los. Onde voce lê na bíblia que Cristo, os apóstolos e os profetas prenderam, baniram, queimaram ou mataram alguém? Dizem-nos que devemos obedecer os magistrados, mas nem o papa, nem o imperador e nem os príncipes têm qualquer autoridade sobre a palavra de Deus, como lemos em Atos 4 e 5. Você não precisa pensar que você pode usar Deus, os profetas e os apóstolos com decretos papais desenhados a partir de Aristóteles, que não era um cristão...”

“Você procura destruir todas as obras de Lutero. Nesse caso, você terá que destruir o Novo Testamento que ele traduziu. Nos escritos alemães de Lutero e Melanchthon eu não encontrei nada de herético... Eu não hesitaria em comparecer diante de ti, de ouvi-lo, de discutir com você. Porque pela graça de Deus, também eu posso fazer perguntas, ouvir as respostas e ler em alemão”.

“A notícia do que foi feito para este rapaz de dezoito anos chegou a nós e outras cidades em um tempo tão curto que logo ele será conhecido por todo o mundo. O Senhor perdoará Arsácio, como ele perdoou Pedro, que negou o seu mestre, embora sem ser ameaçado de prisão e fogo. Grande boa vontade ainda vem deste jovem. Eu lhes escrevo não com base de uma mulher que vocifera, mas com base na palavra de Deus. Eu lhes escrevo como um membro da Igreja de Cristo, contra a qual as portas do inferno não prevalecerão...”

Tal carta causou imediata reação, especialmente quando a transformaram em um livreto[5], tendo catorze edições em apenas dois meses, tamanha era a procura por tal escrito, estimando terem sido publicados mais de 30.000

exemplares.

Sua carta ao prefeito e vereadores da cidade imperial de Regensburg

Firme em suas convicções, Argula[6] escreveu ao prefeito e aos vereadores de Regensburg chamando-os a responsabilidade de guardarem à cidade através da responsabilidade em preservar os ensinos bíblicos:

> *"Queridos irmãos, lembre-se que Deus vos escolheu como guardiões e vigilantes... não os comprou com ouro ou prata, mas com o precioso sangue do Senhor Jesus Cristo. É hora de despertares do sono, porque a nossa salvação está mais perto do que quando cremos... Esta é a causa que eu tenho para escrever aos seus entes queridos e para vos exortar. É o momento em que as pedras clamam por nós".*

A carta ao duque da Baviera e as reações imediatas em seu casamento

Avançando contra o preconceito do clero romanista (pois não pertencia a tal *casta*) e da sociedade (pois era mulher), Argula continuou escrevendo, atraindo assim reações contrárias, desde os sermões zombeteiros de Hauer – que a chamava de "meretriz descarada" e "mulher desesperada" – a acusações de que era uma esposa e mãe negligente. Mas nada seria comparado ao que vivenciaria em seu casamento.

No final do verão de 1523 Argula escreveu ao duque da Baviera, na qual descreveu a ele os acontecimentos em Ingolstadt, explicando-lhe que o cristão deve obedecer às autoridades, desde que pelo limite das Escrituras Sagradas. Como resposta, o duque demitiu seu bem remunerado marido, que

trabalhava no governo de Dietfurt, pelo motivo de não ter impedido sua esposa de escrever tais letras. Seu casamento – que já trazia a desvantagem ao ministério de Argula por seu marido ser católico-romano – chegou a um ponto em que, em um de seus poemas (de 1524), escreveu:

> *"Deus ensina-me a compreender /*
> *como eu deveria agir para com o meu marido".*

De fato, seu próprio marido foi tão pressionado que foi autorizado a "desativá-la", a fim de não continuar escrevendo, sendo-lhe permitido estrangulá-la sem ter contra si nenhuma repercussão legal, o que não aceitou, ainda que a pressionasse a abandonar sua fé. Em uma carta a seu primo, Adam von Torring, Argula escreveu:

> *"Soube que você já ouviu falar que meu marido me trancou. Não é isso, mas ele muito tem perseguido a Cristo em mim. Neste momento não posso lhe obedecer. Somos obrigados a abandonar pai, mãe, irmão, irmã, filho, corpo e vida {por amor a Cristo}... Estou muito triste que os nossos príncipes consideram a Palavra de Deus não mais a sério do que uma vaca a um jogo de xadrez".*

A situação ficou insustentável, ao ponto de seu marido abandoná-la, ainda que permanecessem casados. Sozinha, passou a gerir as dívidas por ele deixadas. Nisto ela escreveu:

> *"Aos meus quatro filhinhos, Deus proverá o conforto e o alimento, como os pássaros no ar, e os vestirá com às flores do campo".*

Apesar de tamanha pressão, Argula estava disposta a adiar sua felicidade pessoal com resistência diante de seu compromisso com seus estudos e

escritos e, não sucumbindo às perseguições e calúnias, continuou firme em seus escritos que propagaram a causa reformada.

Os reformadores e Argula

Continuando a escrever suas cartas – que se tornavam, imediatamente, em panfletos – Argula continuou a manter contato com outros reformadores, tais como Osiander, o próprio Lutero e Espalatino. Baltasar Hubmeier, por exemplo, escreveu sobre Argula:

> *"Ela sabe mais a palavra divina daquilo que os chapéus vermelhos {cardeais e advogados} nunca conseguiriam conceber".*

Já o reformador Martinho Lutero, ao saber de suas lutas, escreveu ao seu amigo Espalatino, em 1524, dizendo-lhe:

> *"Estou lhe enviando as cartas de Argula von Grumbach, que é discípula de Cristo, de quem você pode ver como os anjos se regozijam com uma única filha de Adão, convertida e feita em uma filha de Deus".*

Para seu amigo Johann Briesmann von Königsberg, Lutero também escreveu sobre Argula:

> *"O duque de Baviera tem raiva acima da média, matando, esmagando e perseguindo o evangelho com todas as suas forças. Que mulher mais nobre, Argula von Stauffer, que lá está fazendo uma corajosa luta com grande espírito, ousadia de expressão e conhecimento de Cristo. Ela merece que todos oremos para a vitória de Cristo nela... Só ela, entre estes monstros, continua com fé firme, porém, ela admite, não sem estar tremendo em seu interior. Ela é um instrumento singular de Cristo. Recomendo-a a você, que Cristo por esta vida possa confundir os*

poderosos”.

Em 1530, seis anos após ter se correspondido com Lutero pela primeira vez, se encontrou com o reformador no Castelo de Coburg, onde este permanecera escondido do imperador Carlos V enquanto ocorria a Assembleia de Augusburg, à qual fora proibido de comparecer.

Conclusão: O legado de Argula

Apesar do silêncio da Universidade de Ingolstadt às suas propostas, durante o outono de 1523 Argula viajou sozinha a Nuremberg – algo inédito para aquela época – a fim de divulgar as doutrinas reformadas aos príncipes alemães.

Além de ter rompido tantas barreiras em sua geração, seja como mulher, como erudita bíblica e como reformadora, seu conhecimento bíblico, seu amor e seu comprometimento com a causa reformada compuseram o seu legado, na compreensão de que a fonte de autoridade provinha da Palavra de Deus:

> *“Eu sempre quis descobrir a verdade... tenho estado muito ocupada com a bíblia, para que a todos o trabalho de Lutero seja dirigido de toda forma... Ah, mas que alegria é quando o Espírito de Deus nos ensina e nos dá a compreensão, levando-me de um texto para outro... Eu não pretendo enterrar o meu talento. Que o Senhor me dê sua graça”*.

A corajosa defesa de Argula da doutrina luterana do “sacerdócio universal de todos os crentes” pode ser aqui claramente observada, e os frutos de sua incansável luta a acompanharam em gerações posteriores à sua morte, em 1563 quando, aos 71 anos de idade, foi presa pelas tropas católicas de Straubing e, logo depois, faleceu. Sepultada na Igreja Luterana de São

Sigismundo, tamanha foi a sua importância que seu nome se encontra no Calendário Protestante como uma data comemorativa no dia 23 de junho, dia de seu falecimento.



KATHERINE SCHÜTZ ZELL

ESCRITORA, PREGADORA, HINÓLOGA E PACIFISTA



FORMAÇÃO, VIDA PESSOAL E EDUCAÇÃO BÍBLICA

Nascida em Estrasburgo em 1497, Katherine Schütz desde sua infância demonstrava interesse por assuntos ligados à bíblia e a teologia – o que era incomum às mulheres daquela época – fazendo com que, com o advento da Reforma Protestante, encontrasse espaço para aumentar seu conhecimento teológico e, também, começar a escrever. Este amor pelas Escrituras Sagradas pode ser observado em um de seus escritos, nos quais comenta:

“Desde que eu tinha dez anos de idade eu tenho sido uma aluna e uma espécie de ‘mãe na igreja’, muito dada aos sermões. Eu amava estar próxima à companhia de homens eruditos, conversando muito com eles, não sobre a dança, baile de máscaras e os prazeres mundanos, mas sobre o reino de Deus”.

Líderes protestantes concordaram com sua autoavaliação. O historiador da igreja, Philip Schaff, escreveu que seu conhecimento se nivelava aos dos reformadores que frequentavam sua casa, com os quais

“Conversava sobre a teologia de modo inteligente, sendo classificada acima de muitos doutores”.

Katherine estava presente na Catedral de Estrasburgo quando o padre católico-romano Mateus Zell começou a pregar, em 1521, a doutrina luterana. Em 3 de dezembro de 1523 Katherine e o agora pastor Mateus se uniram em matrimônio, em cerimônia presidida por Martin Bucer, reformador recém-chegado à cidade. Falando do relacionamento com o seu marido, ela se descrevia como *“uma lasca da costela desse homem abençoado, Mateus Zell”*.

LUTANDO PELO DIREITO DAS MULHERES EXPRESSAREM SUA FÉ PUBLICAMENTE

Cada vez mais envolvida com a causa reformada, Katherine Zell abraçou com tanta autoridade a doutrina do “sacerdócio universal dos crentes” que lutou arduamente pelo direto às mulheres pregarem, participando de debates públicos e escrevendo ao bispo de Estrasburgo (William III de Hohnstein) “letras ásperas”. Quando repreendida para permanecer calada, Katherine

escreveu:

> *“Vocês me fazem lembrar que o apóstolo Paulo disse às mulheres para ficarem em silêncio na igreja. Eu lembraria vocês das palavras desse mesmo apóstolo que em Cristo não há mais masculino ou feminino, assim como também sobre a profecia de Joel: ‘E acontecerá, depois, que derramarei o Meu Espírito sobre toda a carne; vossos* filhos *e vossas filhas profetizarão’”*.

Concluindo esta mesma carta, registrou:

> *“Não pretendo ser João Batista repreendendo os fariseus. Não tenho a pretensão de ser Nathan censurando a Davi. Quero apenas ser o burro de Balaão, castigando seu senhor”*.

DEFENSORA DO ATIVISMO SOCIAL, DO PACIFISMO E DA LIBERDADE DE CONFISSÃO RELIGIOSA

Com a eclosão da Guerra dos Camponeses (1524), muitos fugiram para Estrasburgo, desestruturando a cidade, afetando os mesmos quanto à necessidade de cuidados especiais diante da fome e dos ferimentos. Assim, juntamente ao seu marido, Katherine começou a visitar os prisioneiros e os enfermos. Entretanto, ao ver falhas graves no hospital da cidade quanto ao tratamento dos enfermos não-luteranos (muitos eram anabatistas), Katherine enviou à Câmara Municipal um texto em que criticava tal postura e oferecia um projeto de reforma diante de tal erro. Ainda que a comissão municipal tivesse aprovado suas sugestões, ela e seu marido ampliaram as possibilidades de cuidado aos mesmos, tornando a própria Catedral de Estrasburgo em um albergue temporário para aqueles que procuram proteção e atendimento médico, mesmo que fossem eles anabatistas ou romanistas. A

partir de então, Katherine começou a, cada vez mais, envolver-se com o cuidado às pessoas sofridas, independentemente de suas crenças, fossem luteranos, calvinistas, anabatistas ou romanistas.

Com o recrudescimento das perseguições aos anabatistas – tanto pelos romanistas como pelos próprios protestantes, dado aos excessos de alguns grupos de anabatistas radicais – Katherine pouco se importou pelas diferenças doutrinárias que aqueles defendiam, atendendo-os e suprindo-os com o envolvimento da igreja de Estrasburgo. Por causa de sua postura, Katherine começou a receber violentas críticas do pastor luterano Ludwig Rab, que a repreendia pela assistência que dava àqueles, ao que lhe escreveu um panfleto, aberto à população da cidade, argumentando-o sobre a falta de lógica *da perseguição* aos anabatistas:

> *"Considere os pobres anabatistas, que são tão furiosamente e ferozmente perseguidos. As autoridades de todos os lugares estão contra eles como o caçador dirige o seu cão contra os animais selvagens. Contra eles – que reconhecem a Cristo como o Senhor – os têm perseguido da mesma maneira que o papado faz. Só porque eles não podem concordar conosco em alguns assuntos menores, isso tem sido o motivo para persegui-los, e a Cristo, em quem eles acreditam fervorosamente, eles o têm professado muitas vezes na miséria, na prisão, e sob os tormentos de fogo e água...*
>
> *"Os governos podem punir os criminosos, mas não devem forçar e governar a crença de cada um, pois é uma questão para o coração e para consciência individuais, e não para as autoridades temporais"*

Katherine começou a ser perseguida por líderes reformados, os quais diziam que, com a morte de seu marido, ela estava buscando ser reconhecida

como sua sucessora, nada fazendo senão desejando usurpar o cargo de pregador que seu marido tinha como a “Doutora Katherine”. A tais acusações ela respondeu:

> *“Vocês chamam isso de perturbar a paz mas, ao invés de gastar meu tempo em divertimentos frívolos visitei os infestados e cuidei dos mortos. Tenho visitado os presos e aqueles que estão sob sentença de morte. Muitas vezes, durante três dias e três noites eu não comi nem dormi. Eu não lhe tomarei o púlpito, mas tenho feito mais do que qualquer ministro ao visitar os que estão na miséria”.*

Seu ativismo e sua postura pacifista não apenas encontraram seus pares em outros grupos anabatistas não radicais, tais como os anabatistas menonitas e os *quackers*, cuja cultura pacifista iria culminar no surgimento de grupos ativistas como o Greenpeace[7], dentre outros.

Contato com Lutero e firmeza no posicionamento pacifista

Katherine escreveu várias cartas a Lutero, tendo recebido dele uma resposta. Posteriormente, ela e seu marido se escontraram com Lutero na cidade reformada de Wittenberg, onde discutiram assuntos relacionados à “Concórdia sobre a Ceia do Senhor” (1536), para onde Lutero estava indo debater com o reformador suíço Zwínglio. Diante da não aceitação dos zwinglianos às suas propostas, foi por Katherine criticado por não ter considerado o amor de maneira suficiente já que, para ela, isto seria mais importante do que qualquer disputa doutrinária.

Hinóloga e escritora profícua da causa protestante

Profusa escritora da causa protestante e pacifista desde 1524, seu primeiro trabalho literário foi o panfleto “Consolação para as mulheres de refugiados religiosos de Kenzingen Breisgau”, no qual expressa o âmago de

seu ministério, pautando-se no texto de Isaías 49.15.

No mesmo ano escreveu "Desculpem Katherine Schützinn (desculpas para o marido Matthew Zell)".

Entre 1534 e 1536 começa a escreveu hinos com prefácios, denominados "De Jesus Cristo nosso salvador".

Em 1538 escreveu "Salmos da Miséria: consolação para Félix Armbruster".

Dez anos depois, em 1548, escreveu "Grave acusação e admoestação de Katherine Zell às pessoas junto ao túmulo do Pr. Mateus para a catedral de Estrasburgo" (transcrição do discurso do sepultamento de seu marido).

Já em 1557 escreveu "Carta a todos os cidadãos de Estrasburgo", um tratado do protestantismo em resposta às acusações de seu maior perseguidor, Ludwig Rab.

Conclusão: Sua última lição que nos serve de legado

Além destes textos, há várias cartas ao reformador Kaspar Schwenckfeld – que rompera com Lutero por causa de sua interpretação sobre a Santa Ceia – por quem foi influenciada por suas doutrinas protestantes moderadas em relação ao luteranismo, dentre as quais a oposição à guerra ("pacifismo"), a necessidade de o cristão dar provas *externas* de sua conversão, sua oposição ao batismo infantil e a liberdade individual de consciência diante da fé a abraçar.

Quando a Câmara Municipal de Estrasburgo soube de seu comparecimento ao funeral de uma mulher anabatista, a repreendeu publicamente por sua postura como luterana, ainda que isso pouco fizesse efeito na vida de Katherine, que viria falecer poucos dias depois, aos 65 anos, demonstrando que, ainda que existam diferenças doutrinárias, o amor ao próximo deve estar acima das barreiras denominacionais, o que, diferentemente dos dias atuais, eram inflexíveis entre os protestantes em seus primeiros anos formativos após a libertação do jugo romano.



Marie Dentière

A incansável batalha pelo direito das mulheres

Formação religiosa

Nascida em uma família relativamente estruturada na cidade de Tournai (Bélgica) em 1495, nada mais se sabe sobre a sua infância senão que Marie Dentière ingressou em um convento agostiniano quando ainda jovem. Entretanto, ao lograr, em 1524, a posição de abadessa[8] – cargo equivalente ao de supervisora de um convento – Marie passou a ter acesso livre à biblioteca e, ali, encontrou escritos de Lutero sobre o monacato. Tal leitura não apenas abriu os seus olhos quanto aos textos bíblicos que confrontavam toda a superstição adotada pela religião romana e exploravam monges e freiras como, especialmente, a fez buscar sua salvação exclusivamente em Cristo.

Sua nova vida

Após se converter, abraçando a Reforma, fugiu para a cidade reformista de Estrasburgo, ponto de encontro de huguenotes e demais protestantes perseguidos em suas nações.

Envolvendo-se cada vez mais na causa reformada, depois de quatro anos casou-se, em 1528, com o Rev. Simon Robert, um jovem pastor também egresso dos agostinianos e com quem teve duas filhas (Marie e Jeanne).

O início de seu ministério

A convite do grande reformador William Farel, o casal se mudou para

Genebra onde aprendeu ainda mais sobre a doutrina reformada e começou a pregar. Entretanto, Robert morreu cinco anos depois, em 1533. Marie, então, dois anos mais tarde, contraiu segundas núpcias com Antoine Froment, diácono de William Farel em Genebra (posteriormente tornou-se um pastor) e bem mais novo que ela, com teve outra filha.

Como consequência da proibição da missa em Genebra (em 10 de agosto de 1535), Marie Dentière fez parte da delegação que se dirigiu ao convento das Clarissas com o objetivo de explanar-lhes sobre os textos bíblicos àquelas ocultos ou jamais explicados e que davam base às doutrinas reformadas, integrando aquelas mulheres à sociedade e à liberdade de servirem a Cristo além dos muros. A partir de então, Marie não mais se calou.

O primeiro livro sobre a história da Reforma em Genebra

Em 1536 o exército protestante de Berna travou uma batalha (vitoriosa) para libertar Genebra da rebelião do Duque de Saboia e, assim, foi ocupando regiões circunvizinhas, ocasião em que seu marido assumiu como diácono uma igreja na cidade de Thonon (França), distante apenas 35 km de Genebra e onde passou a viver. Ainda que seu marido não mais pregasse, passando a dedicar-se, junto ao diaconato, ao comércio, Marie não se limitou e escreveu junto com ele o primeiro texto referente à história da Reforma Protestante em Genebra: "Guerra e libertação da cidade de Genebra". Evocando os genebrinos que adotaram a Reforma e convocando os que ainda não tinham se decidido por ela durante tal batalha, o livro descrevia não apenas eventos históricos abrangendo a Reforma Protestante naquela cidade entre os anos 1532 e 1536, apontando como Deus estava livrando a cidade da tirania do papa católico-romano e do Duque de Saboia mas, indo muito além da história, avançava pela teologia, pautando-se em vários textos bíblicos sobre a vitória do evangelho, a autoridade das Escrituras Sagradas sobre os dogmas e as superstições impostas pela religião e sobre a graça salvadora de Jesus Cristo, que vai além dos méritos humanos. Além disso, mencionando mulheres da bíblia, como Sara e Isabel, tal texto revelava a condição da violência que as mulheres daquele período sofriam, cuja defesa se tornava, a cada dia, uma

bandeira levantada por Marie.

"Em defesa das mulheres"

Em 1538, com o retorno a Genebra de Calvino e Farel, também Dentière e seu marido retornaram àquela cidade. Entretanto, contra todas as suas expectativas, as mulheres permaneciam sem direito a pregar nos púlpitos, ocasião em que começou a criticar, de forma cada vez mais aberta, as lideranças protestantes, tanto a luterana como a própria calvinista, por delimitarem o ensino das Escrituras aos homens. Assim, no ano seguinte, em março de 1539, com apenas 44 anos, Marie Dentière imprimiu um livro (escrito desde 1537) com dois escritos: "Epístola muito útil" e "Em defesa das mulheres". Neste, Dentière defendia uma participação mais ativa das mulheres na sociedade e na igreja, tendo o mesmo acesso aos estudos que os homens. Tanto que, junto ao livro anexo ("Epístola muito útil") foi publicada uma pequena gramática hebraica escrita por sua filha, demonstrando a todos que o saber estava disponível não apenas aos homens e aos adultos, mas também às jovens. Além disto, Dentière exigia que outros direitos básicos fossem dados à mulher como, por exemplo, o direito às grávidas de se casarem, o que era, então, oficialmente negado às mulheres daquela época.

Sua polêmica "Epístola muito útil" à rainha Margarida de Navarra

Entretanto, no outro escrito, apesar de usar argumentos sensatos, lógicos e bíblicos, Dentière se excedeu, não apenas em alguns de seus conteúdos como, especialmente, na configuração de suas palavras. Escrita em forma de carta aberta, virulenta e altamente polêmica, a "Epístola muito útil"[9]. Uma vez que seus pensamentos não eram valorizados pela liderança reformada, crendo ser por motivos sexistas, ele escreveu a uma liderança feminina: à rainha francesa Margarida de Navarra, uma grande mulher sobre quem trataremos em um capítulo específico deste livro.

Marie Dentière cria que, somente assim, seria ouvida e compreendida quanto à reforma que ela desejava alcançar. Neste texto Dentière destacou

não apenas as doutrinas reformadas – atacando vigorosamente o papado e a missa romanista – mas, também, a necessidade de ampliar o papel das mulheres na religião. Marie usou muitos argumentos bíblicos em defesa do ministério de pregação e ensino das mulheres, como, por exemplo:

- A mãe de Moisés, que desafiou a lei para proteger o seu filho.
- A mulher samaritana, que se tornou pregadora após encontrar-se com Jesus.
- As mulheres que foram ao sepulcro vazio, onde foram instruídas pelo próprio Jesus a pregarem.

Sobre tais argumentos, Dentière escreveu:

> *"Se Deus concedeu graça àlgumas boas mulheres, revelando-lhes algo santo e bom através de sua Sagrada Escritura, elas deveriam, por causa dos difamadores da verdade, abster-se de escrever, falar ou declarar tal graça?".*

Entendia, defendendo e propagando a doutrina reformada do "SACERDÓCIO UNIVERSAL DOS CRENTES", em que a bíblia diz que tanto os homens como as mulheres estão igualmente qualificados para interpretar as Sagradas Escrituras e os aspectos práticos da fé, Dentière atacou vigorosamente o sistema clerical e o sexismo em vigor no mesmo:

> *"Peço a Jesus não morrer como... os pobres idiotas como os senhores de cabeças raspadas, os tonsurados e mitrados. Será que ele {Jesus} só disse: 'Vai, pregar meu evangelho aos senhores sábios e doutores grandes'? Será que ele não disse para pregar o evangelho 'a todos'? Nós temos dois evangelhos, um para homens e outro para mulheres? Um aos sábios outro aos tolos? Será que não estamos juntos em nosso*

Senhor? Em nome de quem nós batizamos, Paulo ou Apolo, o papa ou Lutero?”.

Como se pode perceber pelo tom de seus escritos, Dentière não se preocupou em pesar as suas letras. Além do mais, ainda que defendendo os direitos das mulheres diante do preconceito que sofriam na igreja, também se utilizou do mesmo preconceito para atacar raças e povos, como o título de sua carta tão claramente expõe. Igual falta de cuidado fez com que sua carta fosse vista como sendo subversiva ao governo francês – e o era, claramente, uma vez que incitava à irmã do rei francês a interferir nas decisões do rei e expulsar todo o clero romanista da França.

A PERDA DO APOIO POR PARTE DOS REFORMADORES

É natural que, menos de três anos após Genebra ser liberta dos exércitos católico-romanos do Duque de Saboia, uma carta com este teor pudesse causar uma nova guerra, desta vez contra o poderoso exército da França. Consequentemente, sua obra não foi apenas confiscada pelo governo protestante de Genebra como o próprio gráfico (Jean Gérard) foi preso. Desta forma, lamentavelmente, sua obra acabou tornando-se a primeira vítima de censura por parte do protestantismo, imitando a postura historicamente mantida pelo catolicismo romano ao longo de sua existência.

Cada vez mais indignada e crítica com as lideranças reformistas – como expressara no livro supracitado – Marie não se calou, irritando tanto aos próprios reformadores Farel e Calvino que causou uma forte discussão entre aqueles três[10] reformadores. Não havendo mais ambiente para o convívio entre eles, e estando o seu marido (Antoine Froment) em tanto descrédito em relação ao domínio de sua mulher sobre sua vida, o conselho cidatino transferiu seu marido à cidade vizinha de Massongy.

Lamentavelmente, Dentière, ainda que detivesse a nobre causa de manter a defesa do direito das mulheres de ensinarem e pregarem, não conseguiu administrar seus sentimentos em relação ao posicionamento do presbitério de Genebra e, de passagem por Genebra em 1546, Dentière criticou até mesmo a roupa usada por Calvino, dizendo ser ele um falso profeta como descrito no Novo Testamento. Em uma carta de Farel a Calvino, datada daquele mesmo ano, pode-se ver como ela era vista pelos reformadores:

> *"Nosso trigo*[11] *é o primeiro que, depois de casar-se, se tornou em joio... essa mulher é arrogante e vingativa e, com toda sua mente, é uma má conselheira para o seu novo marido, que é absolutamente dominado por ela".*

Conclusão: Legado e memória de Marie Dentère

De volta a Genebra, Marie Dentière faleceu em 1561. Ainda que sendo prejudicada por sua forma de se expressar, deixou como legado sua incansável luta pelo direito de as mulheres terem um papel mais ativo não somente na sociedade mas, especialmente, na igreja, ensinando e pregando a Palavra de Deus.

Sua importância foi tamanha que, em 2002, seu nome foi gravado no "Muro dos Reformadores"[12], em Genebra, ao lado de grandes vultos da Reforma Protestante, como Lutero, Calvino, Farel, Knox e Zwínglio.



Katharina von Bora

Apoiadora, incentivadora, amiga, conselheira, administradora e abrigo seguro ao seu marido, e mãe dedicada aos seus filhos





No convento desde os cinco anos de idade

Nascida na cidade alemã de Lippendorf[13] em 29 de janeiro de 1499, com apenas cinco anos de idade, em virtude da morte de sua mãe (Ana), Katharina[14] foi entregue por seu pai, Hans von Bora (João de Bora) para ser cuidada pelas freiras da escola do Convento Beneditino de Brehnaer[15]. Aos nove anos de idade (em 1508), entrou para o Convento Cisterciense de Nimbschen[16], onde aprendeu a ler e escrever (especialmente em latim) e a ter noções de agricultura. Depois de sete anos naquele local, em 1515, aos dezesseis anos de idade, fez os votos para se tornar freira, idade mínima exigida para obter tal ofício.

Conversão, adesão à causa reformada e fuga do convento

Com o advento da Reforma Protestante em 1517, muitos padres e freiras começaram a fazer uma análise crítica da religião romana e da vida espiritual através da leitura e do estudo da bíblia e, assim, vários foram aderindo à causa reformada. Pregadores reformados – quase integralmente compostos

por ex-padres libertos pelo conhecimento bíblico – iam de cidade em cidade incentivar as pessoas a lerem suas bíblias e serem, como eles, livres dos dogmas humanos e superstições pagãs que contaminavam e grassavam a igreja. O próprio Lutero era um destes e, ao passar pela cidade de Grimma (em 1523), grande parte da população daquela cidade aderiu à causa reformada – incluindo todos os homens do Mosteiro Agostiniano de Grimma, que passaram a ser seguidores de Lutero. A seguir, dois pregadores reformados se dirigiram ao convento onde Katharina vivia e, ali, tiraram as dúvidas das freiras que já tinham lido os panfletos de Lutero. Doze delas – entre as quais Katharina, com apenas 24 anos – se converteram à fé exclusiva em Jesus Cristo e decidiram abraçar a causa reformada, mas foram impedidas por sua superiora, permanecendo enclausuradas naquele convento. Apelaram, então, aos seus familiares para que as tirassem dali, mas estes não lograram êxito. Os líderes reformados de Grimma relataram o caso a Lutero, que ficou preocupado com o destino das mesmas, ali aprisionadas.

Lutero, então, teve uma ideia. Chamando um amigo comerciante da cidade de Torgau – Leonard Koppe – que entregava peixes nos mosteiros e conventos da região, elaboraram um plano. Em abril de 1523, na véspera da Páscoa – ocasião em que havia grande entrega de peixes – Koppe entrou no Convento de Nimbschen com uma carroça com seus barris de peixe, sendo que doze desses estavam vazios. À noite, as doze freiras se esconderam dentro dos barris, devidamente cobertos e, dali, rumaram à liberdade. Entretanto, das doze, apenas três conseguiram retornar às suas famílias. Outras nove não conseguiram por serem oriundas de cidades sob o governo do Duque Jorge de Saxe[17], ferrenho inimigo dos reformados, e que não apenas expulsava os mesmos de seu território como também negava o enterro àqueles que ali viessem a morrer. Estas nove, que não puderam retornar aos seus lares, foram acolhidas em Wittenberg. Sobre elas, Lutero escreveu a

Wenceslau, em carta datada de 8 de abril de 1523:

> *“Ontem recebi a nove freiras do seu cativeiro no Convento de Nimbshen”.*
>
> Neste grupo se encontrava Katharina.

WITTENBERG: APROXIMAÇÃO, NOIVADO E CASAMENTO COM MARTINHO LUTERO



Incialmente abrigadas com a família do artista Lucas Cranach, o Velho, Lutero ficou incomodado e procurou encontrar casas para as mesmas, além de integrá-las na vida da cidade. Entretanto, depois de dois anos na cidade, oito das freiras tinham se casado, com exceção de Katharina[18]. Fora ela cortejada, em 1524, pelo futuro reformador Jerônimo Baumgartner – então um estudante de Nuremberg que fora visitar o reformador Felipe Melanchton em Wittenberg –, mas tal namoro encontrou resistência por parte dos pais dele em virtude do passado de Katharina como freira, sendo, assim, uma pessoa sem trabalho, dinheiro, sem perspectivas. Diante da demora da resposta do indeciso Baumgartner, Lutero lhe escreveu uma carta, em 1524,

dizendo-lhe para se apressar em decidir, pois outra pessoa poderia fazê-lo.

Rompendo o namoro, foi cortejada (por incentivo de Lutero) por outro reformador, o Dr. Kaspar Glatz, um professor de teologia e eminente pregador. Chateada com a situação, Katharina procurou o amigo de Lutero, Nicolas von Amsdorf, e lhe pediu para dizer a Lutero que, além de "não sentir o mínimo interesse no Dr. Glatz", não a forçasse a namorar e se casar com Glatz contra sua vontade. Achando-a arrogante, Lutero acatou, a contragosto, a postura firme de Katharina, mal sabendo que seria ela sua futura esposa e que a mesma dissera ao amigo de Lutero: *"Só me casarei se for com Lutero ou com alguém muito parecido com ele"*.

Mas Lutero ainda não enxergava a paixão de Katharina por ele. Primeiro, àquela época Lutero tinha 41 anos de idade e Katharina apenas 25 anos. Em segundo plano, Lutero estava apaixonado e desejara casar-se com outra das ex-freiras de Nimbschen, Ave von Schönfeld. Tal paixão só foi encerrada quando ela se casou, também em 1524, com o reformador Basilius Axt. A partir de então, Lutero começou a perceber tal aproximação de Katharina e, no início de junho de 1525, compartilhou ao seu grupo íntimo de amigos seu desejo em casar-se com Katharina, marcando o seu noivado para a manhã da terça-feira, dia 13 daquele mês, e o seu casamento para duas semanas depois, no dia 27 de junho de 1525 – quase sete anos após Lutero dar início à reforma da igreja –, em cerimônia realizada pelo seu amigo e confessor, o reformador Johannes Bugenhagen[19].

Como presente de casamento, Lutero ganhou do governante da Saxônia e fundador da Universidade de Wittenberg, Frederico, o Sábio, o antigo mosteiro da cidade (encerrado havia anos) para ser a residência do casal[20].

Esposa amiga e mãe dedicada

Um ano depois do casamento, o casal Lutero[21] teve o seu primeiro filho, Hans (João), nascido a 7 de junho de 1526. Um ano depois, em 1º de dezembro de 1527, nascia a primeira menina do casal, Elizabeth, mas esta morreria oito meses depois, em 4 de maio de 1528. Com este episódio, culminante a um período de enfermidade daquele bebê, Lutero não aguentou. Em um ano intenso na vida do reformador que abrangia várias viagens explanando a reforma da igreja e abordando o assunto referente à Santa Ceia (que redundaria em seu escrito "Grande confissão a respeito da Ceia de Cristo"), além dos escritos "Sobre a Primeira Epístola a Timóteo", "Instruções aos visitadores", além da preocupação com a Dieta (Assembleia) de Augsburg a ser realizada no mês seguinte, a adoção do protestantismo por parte de cinco cantões suíços, coordenados por Berna e Basel (Basileia) e a adoção do protestantismo na Suécia por parte do rei Gustavo. E tudo isto enquanto escrevia o seu famoso "Pequeno Catecismo". Sucumbindo em depressão, Lutero foi cuidado e tratado com amor, atenção e bons conselhos por sua amada esposa, *Kathie* (como ele carinhosamente a chamava), ainda que também lamentando a perda de sua filha. Katharina, sentando-se ao lado de Lutero, lia para ele a bíblia, edificando-lhe e renovando no mesmo as forças diante de tamanha pressão, ao mesmo tempo em que cuidava do primogênito.

Um ano depois (em 4 de maio de 1529) nascia Madalena. A seguir, nasceram Martinho (1531), Paulo (1533) e Margareth (1534), através de quem a linhagem de Lutero se mantém até os dias atuais[22] (dentre os quais esteve o segundo presidente da Alemanha, Paul von Hindenburg). No total, o casal Lutero teve seis filhos, sendo três homens e três mulheres.

Uma casa de portas abertas aos refugiados da Reforma



Além de seus seis filhos, Lutero e Katharina adotaram mais onze crianças órfãs. Somados a estes, o sobrinho de Katharina, Fabian, foi morar com eles após a morte de seu pai (em 1542).

Entretanto, não foram apenas as crianças que Lutero e Katharina[23] acolheram. O casal abriu as portas de sua casa para monges, freiras e padres que se tornavam adeptos da Reforma e que, perseguidos, podiam ali encontrar refúgio. Houve ocasiões em que nada menos de 25 pessoas moravam em sua casa, sem contar com o casal, seus filhos e os onze órfãos dos quais eles cuidavam.

Em determinado momento, para manter as necessidades da família, Lutero vendeu as porcelanas que Katharina ganhara de presente de casamento para conseguir dinheiro para suprir a todos.

A ADMINISTRADORA DO LAR

Com as muitas viagens de Lutero e a grande quantidade de pessoas em sua casa, Katharina aproveitou seu aprendizado no convento e começou a produzir nas terras arrendadas junto à sua casa não apenas uma horta, mas também criou gado e administrou a produção e venda dos produtos oriundos de seu pomar. Diante do fato de acrodar diariamente às 4 horas da madrugada para cuidar de tantas responsabilidades, Lutero a chamou de “Estrela da manhã de Wittenberg”.

Graças a este empenho de Katharina, que também administrava as

finanças da família, Lutero pode liberar sua mente de tais preocupações para dedicar-se aos seus estudos e escritos bíblicos e teológicos que propagaram a causa reformada a toda Europa. Não fora o apoio de Katharina, muitos dos textos de Lutero jamais teria sido escritos e, consequentemente, abençoado e libertado tantas vidas do cativeiro das superstições e idolatria. Mesmo sabendo que, a cada viagem de Lutero, este poderia nunca retornar à casa, Katharina o apoiava, dando-lhe pleno suporte e apoio.

Conclusão: O legado de Katharina von Bora

Depois de quase 21 anos de casamento, Katharina ficou viúva de seu amado marido, aos 47 anos de idade. Martinho Lutero faleceu em 18 de fevereiro de 1546 em sua cidade natal, Eisleben, sendo sepultado em sua amada Wittenberg três dias depois. O sermão fúnebre foi realizado pelo mesmo pastor que fizera o seu sermão nupcial, Johannes Bugenhagen (além de Felipe Melanchton, o discípulo mais próximo de Lutero).

Seis anos depois da morte de Martinho Lutero, estando na cidade de Torgau (por causa de uma epidemia que se encontrava em Wittenberg), Katharina, aos 53 anos de idade, descansou de suas inúmeras e frutíferas obras, no dia 20 de dezembro de 1552.



Ainda que não tenha escrito nenhum livro, nem pregado em nenhum púlpito, foi graças ao seu apoio que Martinho Lutero pôde realizar a magna obra. Não fosse por Katharina[24], a Reforma Protestante não teria a abrangência que teve.



Margarida de Navarra



A protetora da causa reformada na França

Criação palaciana

Nascida em 11 de abril de 1492 – poucos meses antes da descoberta das Américas pelos europeus – sendo filha de Carlos I de Valois e Luíza de Saboia, Margarida[25] recebeu, ao longo de sua vida, vários títulos nobiliárquicos: duquesa[26], condessa[27], viscondessa[28], baronesa[29], senhora[30], princesa e, a partir de 1527, aos 35 anos de idade, rainha de Navarra, posição

esta que deteve até seu falecimento, em 1549.

Além de ser conhecida por tais títulos, foi igualmente conhecida por outros nomes, tais como “Margarida de Angoulême”, “Margarida da França” e “Margarida de Orleans”.

Com apenas 17 anos de idade, Margarida se casou em primeiras núpcias (em 3 de dezembro de 1509) com o Duque Carlos IV, com quem viveria por 16 anos, ainda que com certas dificuldades, dado ao casamento arranjado por suas famílias e a diferença de nível entre ambos:

> *“Fico encerrada em um sombrio castelo... com um marido iletrado e com espírito militar”*[31].

Quando Margarida tinha cerca de 23 anos de idade, seu irmão Francisco I foi coroado como rei da França (em 1º de janeiro de 1515), fazendo com que Margarida aumentasse consideravelmente sua influência, especialmente quanto ao contato com acadêmicos. Vale lembrar que, neste mesmo ano, ela e seu irmão convidaram Leonardo Da Vinci a morar em seu palácio, ali permanecendo até sua morte, em 1519.

Dentro os muitos privilégios da vida palaciana, Margarida desde cedo teve acesso a uma vasta educação, incluindo o aprendizado não apenas do latim, mas também do grego, algo muito incomum não apenas às mulheres da época, mas aos acadêmicos em geral, o que lhe facilitou o acesso a várias leituras, dentre as quais as doutrinas reformadas que se difundiam pela França àquela época.

“Princesa”: defesa dos reformadores do “Cenáculo de Meaux”

A pedido do bispo de Meaux, Guilherme de Briçonnet, por seu vigário e

amigo Jacques Lefèvre d'Etaples (pré-reformista francês), foi criado um grupo de estudos denominado “Cenáculo de Meaux”, no qual humanistas como Guilherme Farel[32], Vatable François, Gérard Roussel, Marciais Mazurier, Michel de Aranda, Pierre Caroli, Clichtove Jodocus e Lecomte Jean de Lacroix se reuniam e debatiam as doutrinas reformadas à luz da bíblia e da razão, objetivando reformar a igreja na França. Como tal, aqueles homens começaram a defender tradicionais bandeiras reformadas, dentre as quais:

- Traduzir o Novo Testamento ao francês, disponibilizando-o à leitura da população.
- Pregar no vernáculo baseados tão somente no texto bíblico, tal como nos primórdios do cristianismo.
- Elaborar comentários bíblicos disponibilizados ao povo, em francês.

Naturalmente, este círculo de estudos passaria a exercer grande influência em vários escritores humanistas daquela geração, como Clément Marot e Rabelais, ecoando tal fama nos palácios. Assim, no mesmo ano (1521), o próprio criador do “Cenáculo de Meaux” – Bp. Guilherme de Briçonnet – foi chamado à corte parisiense[33] para tornar-se o capelão da própria Margarida, com quem passou a manter estreitos contatos através de cartas nas quais as doutrinas reformadas iam sendo compartilhadas.

Entretanto, naquele ano, o professor de Briçonnet e cofundador do “Cenáculo de Meaux”, Jacques d’Etaples, foi acusado de heresia por um comitê de teólogos romanistas, a respeito de sua obra “De Marie Madalena”[34] (lançada quatro anos antes). Entretanto, por intervenção do rei foi inocentado, havendo suspeitas de ter havido uma influente intercessão por parte da

princesa Margarida.

Um dos maiores perseguidores dos protestantes, o reitor de Sorbonne, Noël Beda, não se deu por satisfeito e tentou dissolver o "Cenáculo de Meaux" em 1523 – por ali lerem abertamente as proibidas obras de Lutero – mas, novamente por intervenção do rei, os reformadores foram livres das acusações de heresia.

Noël Beda via, em tudo isto, o papel ativo da princesa Margarida em defender os reformadores, antipatizando com a princesa dada a tais posturas e à sua instrução elevada – que a fazia debater conscientemente com os geralmente incultos padres – além de seus constantes e regulares contatos com os humanistas e reformados de Meaux. Mas tinha que esperar o momento certo de atacá-la. No ano seguinte surgiu a primeira oportunidade. Em um acordo de paz para suspender a guerra entre França e os Estados Papais, estes exigiram que o "Cenáculo de Meaux" fosse dissolvido, o que os punha em perigo. Poucos meses depois, já em 1525, Lefèvre e o Cenáculo foram novamente acusados pelos franciscanos de heresia mas, agora sem a proteção do rei – nem diante da intercessão de sua irmã, Margarida – o mesmo seria dissolvido, tendo os seus integrantes se abrigado na cidade protestante de Estrasburgo.

Quanto à Margarida, ela também foi acusada de "suspeita de heresia" por ter a posse e ler o censurado "Comentário dos Quatro Evangelhos" de Lefèvre d'Etaples, mas jamais seria condenada, uma vez que, oficialmente, fazia parte de uma família real atrelada ao catolicismo-romano – ainda que, de fato, adotasse a doutrina reformada.

"Rainha": consolidação como escritora

Entretanto, no mesmo ano, após a Batalha de Pívia, seu irmão Francisco foi preso. Na mesma ocasião, o marido de Margarida (Carlos IV) conseguiu fugir do cerco, mas morreu logo depois, em abril. Ainda que recém-viúva,

Margarida foi encarregada de negociar com o imperador a liberdade de seu irmão, mas não logrou êxito, sendo ele apenas libertado no ano seguinte, após ceder a região de Borgonha como pagamento.

Deste modo, ainda que sob a intensa pressão das negociações imperiais, sofrendo a viuvez depois de 16 anos de casada, e inconformada com a injusta perseguição à causa reformada francesa e as acusões recebidas de ser uma possível herege, em 1525 Margarida ousou escrever – algo incomum às mulheres de sua época – seu primeiro livro, "Diálogo em forma de visão noturna", composto em mais de mil versos, sendo uma meditação sobre a morte, a salvação eterna e a fé, incluindo a luta contra a censura do clero romanista:

> *"Eu oro por vocês para que estes debates inconvenientes...*
> *Em que a verdade não pode encontrar o seu lugar*
> *Enquanto suas alegações sejam cessadas...*
> *Mas com respeito a vós,*
> *Estejam seguros da liberdade que tendes*
> *Se tiveres o amor e a graça de Deus"*[35]

Dois anos depois, em 24 de janeiro de 1527, Margarida se casou com o rei de Navarra, Henrique II, tornando-se, assim, rainha de Navarra. No ano seguinte, nasceu sua filha, Jeanne III de Navarra (sobre quem comentaremos no capítulo a seguir) e, dois anos depois, seu filho João, que faleceu com apenas seis meses de vida, no dia do Natal de 1530.

Esta fatalidade levou Margarida ao retorno às suas atividades literárias, já no início de 1531, produzindo vários textos sob forma de tramas livres, baseadas em eventos relacionados nos evangelhos, tais como "Comédia da natividade de nosso Senhor Jesus Cristo", "Comédia da adoração dos três reis", "Comédia dos inocentes", "Comédia do deserto".

Entretanto, seu escrito "Um poema: espelho de uma alma pecadora" levou-a a ser criticada pelo clero de Sorbonne como sendo uma obra herege – ocasião em que, para não atacar frontalmente a rainha, visaram seu capelão (com fortes tendências calvinistas, amigo de Calvino e defensor da pregação da missa no

vernáculo, Gérard Roussel), o que levou seu irmão, o rei Francisco I, a exigir deles um pedido formal de desculpas, no que foi prontamente atendido.

Após o "Caso dos cartazes" (afixação de cartazes por parte dos protestantes, em outubro de 1534, em que criticavam afrontosa e debochadamente o dogma romanista da missa) o irmão de Margarida, rei Francisco I, abandonou sua postura comedida em relação aos protestantes e passou a atacá-los. Com isso, não opondo-se às políticas de seu irmão, Margarida passou a se envolver menos com os reformadores, ainda que continuasse escrevendo proficuamente, com obras como "O paciente", "O inquisitor", "Heptamerão" e "Margaridas da Margarida".

Conclusão: o legado da rainha Margarida de Navarra

Poucos anos depois, em 1542, recolheu-se à sua terra, onde continuou escrevendo até que, em 21 de dezembro de 1549, faleceu, aos 57 anos de idade. E, ainda que não assumisse oficialmente a doutrina reformada, foi uma das maiores defensoras do protestantismo em terras francesas, protegendo teólogos e pregadores reformados assim como a propagação dos escritos de Lutero, Calvino e Zwínglio, mesmo diante das ameaças do poderoso clero católico-romano e sua ordem pela censura plena a tais escritos e ideias.

Um dos mais famosos historiadores franceses, Jules Michelet[36], assim a apresenta:

> *"Sempre nos lembraremos da Rainha de Navarra, em cujos braços nosso povo, fugindo da prisão ou da pira, encontrava segurança, honra e amizade. Nossa gratidão a você, 'mãe de nosso renascimento' [francês]!... Seu coração foi o ninho de nossa liberdade".*

Já o filósofo francês, Pierre Bayle[37], cuja obra "Dicionário Histórico e Crítico" (1697) iria influenciar os enciclopedistas franceses como Voltaire e Diderot, escreveu sobre ela as seguintes palavras:

“Para uma rainha conceder sua proteção a pessoas perseguidas por opiniões que ela acreditava serem falsas; para levantar um santuário para eles; para preservá-los das chamas a eles preparadas; para fornecer-lhes subsistência; para liberalmente aliviar os problemas e inconvenientes do exílio em que foram forçados a viver, trata-se de uma pessoa cuja generosidade é heróica, não tendo quase nenhum precedente”.

De fato, Margarida foi além das mulheres de sua época pois, além de sua impressionante formação, sua admirável cultura e sua profícua obra literária, foi a grande protetora dos protestantes franceses e de todos aqueles que nela buscavam apoio e amparo diante das implacáveis perseguições aos que abraçavam – ou simplesmente procuravam ter acesso – à causa protestante e aos seus escritos.



Jeanne III de Navarra

Em defesa da bíblia ao povo, no idioma que o povo entenda



Nascimento e formação

Filha única dos reis Henrique d'Albert e Margarida de Navarra – cuja vida abordamos no capítulo anterior – Jeanne d'Albert nasceu na cidade de Saint-Germain-en-Laye[38] em 7 de janeiro de 1528. Com os títulos de condessa de Foix e de Bigorra, viscondessa de Bearne, de Marsan e de Tartás e duquesa de Albret, a partir dos nove anos de idade foi transferida a Paris, passando a ser criada na corte de seu tio, Francisco I, rei da França. Estando aos cuidados de vinte funcionários a ela dedicados – dentre os quais se incluiam tutores encarregados de sua educação, abrangendo especialistas não apenas na literatura francesa mas, também, em escritos clássicos que se tornaram modelos para o Renascimento – Jeanne teve acesso à cultura que a levaria a aprofundar-se nos estudos teológicos através do acesso aos escritos de reformadores.

Núpcias

Com apenas treze anos de idade, seu tio, o rei Francisco I, fez um acordo com o ducado de Cléveris e, contra a sua vontade, a casou com o duque Guilherme V. Entretanto, cinco anos depois (1546) tal casamento foi anulado em virtude da quebra da aliança política e a não consumação do casamento.

Com o falecimento de seu tio, Jeanne se casou, em 1548, com Antônio de Bourbon, um dos herdeiros do trono francês, de cujo casamento nasceram cinco filhos: Luiz Carlos, Madalena e Henrique (que faleceram na infância), além de Catarina e outro Henrique, que se tornaria rei da França aos trinta e seis anos[39].

Reinado e adesão oficial à causa protestante



Com o falecimento de seu pai (em 1555), Jeanne se tornou rainha de Navarra sob o nome de Jeanne III, herdando não apenas as posses mas todo o reino, passando o seu marido a ser um rei consorte[40]. Apesar de ter apenas 28 anos de idade, sua formação e vivência nos meios políticos lhe facilitou a governar os oito territórios de seu reino, tarefa nada fácil, ainda mais considerando a distância entre eles, como pode ser observado no mapa.

Em 1560, aos 33 anos de idade, a rainha Jeanne convidou pregadores protestantes a pregarem em sua terra – incluindo o sucessor de Calvino, Teodoro Béza, que dedicou-se a explanar-lhe a doutrina bíblica reformada por três meses – fazendo com que, oficialmente, introduzisse o protestantismo nos territórios de Navarra e Bearne, dizendo terem os seguidores desta doutrina os mesmos direitos que os da religião católico-romana. Ainda que jovem, este passo demonstrava sua profunda coragem diante do poderio romanista que ali se instalara havia séculos.

Questionada pelo legado papal, que a escreveu para que retornasse ao catolicismo romano, ela lhe respondeu:

“Estou seguindo o exemplo de Josias, destruindo os lugares altos. Não estou plantando uma nova religião, mas restaurando a antiga... Não forcei ninguém à morte, à prisão, nem os condenei... o que eu não desculpo e gostaria de punir são os criminosos que cometeram atrocidades em nome da religião... Sigo [Teodoro] Béza, sigo Calvino e outros apenas na medida em que eles seguem as Escrituras Sagradas... Você disse que os nossos pregadores são perturbadores. Isso é exatamente o que disse Elias a Acabe. Leia o Primeiro Livros dos Reis, capítulo dezoito... peço... que o senhor possa ser trazido de volta ao verdadeiro aprisco do verdadeiro pastor, e não do mercenário”.[41]

Sua corajosa posição diante das perseguições francesas aos protestantes

Como consequência, seu marido, Antônio, foi chamado pelo rei a Paris para dar explicações sobre a acolhida cada vez maior a protestantes naquele reino vizinho, e este se dirigiu ao palácio junto ao seu irmão (Luiz de Bourbon) e o príncipe de Condé (Henrique I), um grande general protestante. Ali chegando, o príncipe foi condenado à morte e, escapando, deu-se início a uma grande perseguição aos huguenotes[42] (protestantes franceses), uma das causas que geraram oito lamentáveis guerras[43] entre católico-romanos e protestantes.

Sob tais perseguições, o Reino de Navarra recebia cada vez mais protestantes, fazendo com que a rainha Jeanne promulgasse um decreto, em 19 de julho de 1561, constituindo a doutrina calvinista como a doutrina cristã oficial em seu reino.

Após uma breve pausa na primeira guerra (que não envolveu o reino de Jeanne), o rei da França, Carlos IX, ordenou a invasão e conquista dos territórios de Navarra, fazendo com que a rainha se envolvesse, delegando

funções de comando militar ao seu filho, que morreria em batalha no transcurso de uma terceira guerra. Entretanto, Jeanne se manteve firme em suas convicções e, após algumas derrotas, venceu e recuperou os seus territórios.

Pouco tempo depois de firmar a paz com a França Jeanne, desgastada, faleceu de tuberculose aos 44 anos de idade[44], dois meses antes de seu tratado de paz ser quebrado pelos franceses com a traição que culminou no terrível Massacre da Noite de São Bartolomeu, genocídio[45] ocorrido entre 23 e 24 de agosto de 1572.

Conclusão: o legado da rainha Jeanne III

Ainda que fisicamente frágil, naquele tempo não houve mulher mais aguerrida que ela, enfrentando guerras para defender não apenas o Reino de Navarra mas um local onde a bíblia podia ser lida por qualquer cidadão e pregada em francês, bearnês, vasco e demais línguas faladas em seus territórios, direitos estes confiscados por séculos pelo clero romanista. Além disto, seu legado a colocou em um lugar único na história, legado este do qual aqui destacamos algumas ações:

Publicação do Catecismo de Calvino em bearnês

> Em 1562, a rainha Jeanne mandou que publicassem o Catecismo de João Calvino no dialeto bearnês, uma vez que no território de Bearne nem todos falavam o francês, demonstrando Jeanne a visão reformada do livre acesso da informação no idioma do povo.

Fundação da Academia Protestante de Orthez

> Em 1566, a rainha Jeanne fundou a Academia Protestante de

Orthez, para dar um melhor preparo aos padres que se convertiam e àqueles que tinham o desejo de cumprir a vocação de pregar o evangelho.

Redação das Ordenanças Eclesiásticas

Entre 1566 e 1571 ordenou a rainha que se publicasse um livro de referência às lideranças cristãs dos territórios de Navarra, com objetivos de organização.

Tradução do Novo Testamento em vasco

Incentivando a realização de um sínodo de pastores protestantes de seu reino, ocorrido em 1564 – como resultado se delegou ao pastor vasco Joannes Leizarraga que traduzisse o Novo Testamento para o idioma do ducado da Vascônia, sendo tal histórica publicação, ocorrida em 1571, o primeiro livro escrito no idioma vasco.

Oficialização da Fé Protestante em Navarra

Como mencionado anteriormente, a rainha Jeanne promulgou um decreto, em 19 de julho de 1561, constituindo a doutrina calvinista como a doutrina cristã oficial em seu reino.

Culta, capaz e corajosa, a rainha Jeanne de Navarra é uma das maiores heroínas não apenas da Reforma Francesa, mas da História do Cristianismo.



Elizabeth I

Enfrentando todo o poder papal para manter a igreja inglesa livre



Criação real e formação intelectual

Nascida como princesa no dia 7 de setembro de 1533, a filha do rei Henrique VII e Ana Bolena tinha pouco menos que 3 anos de idade quando sua mãe foi executada por ordem real, acusada de traição, em 1536. Consequentemente, Elizabeth foi declarada filha ilegítima do rei e lhe foi retirado o título de princesa, ainda que fosse enviada para ser criada como tal. Entretanto, o rei se casaria novamente apenas onze dias após a execução de sua esposa, e deste relacionamento nasceu o príncipe Eduardo. Mas doze dias após o nascimento dele, a nova rainha morreu em decorrência do parto difícil. Com isso, Eduardo – agora o primeiro na linha sucessória – foi enviado para ser criado na mesma propriedade de Elizabeth, o que trouxe a ela a disponibilização de uma educação e instrução elevadas. Elizabeth, por exemplo, aprendeu com sua segunda tutora[46], quatro línguas além do inglês: francês, italiano, espanhol e a língua de Flandres.

A partir de seus dez anos de idade, por intercessão da nova rainha (Catherine Parr), Elizabeth foi reconduzida à corte e, além disso, foi reconhecida por seu pai diante do parlamento como uma legítima sucessora, assim como sua irmã Maria, através da "Terceira Ata de Sucessão" (1543).

Já no palácio, e com o seu terceiro tutor[47] (a partir de 1544, quando ela tinha 11 anos), ela aprendeu o latim e o grego. Por fim, com o seu quarto tutor[48], Elizabeth passou a aprender os dialetos falados na Grã-Bretanha e na Irlanda, como o galês, o escocês (também conhecido como gaélico), o gaélico irlandês e o córnico. Além dos idiomas, Elizabeth recebeu a mesma formação clássica que seus irmãos, o príncipe Eduardo e Maria.

O maligno reinado de sua irmã, "Maria, a Sanguinária"

Quando seu pai morreu, seu irmão, Eduardo, assumiu como rei (Eduardo VI), apesar de ter apenas 9 anos de idade. Tendo saúde frágil, morreu seis

anos depois, em 1553. Apesar deste pouco tempo e governando em sua adolescência, Eduardo fortaleceu o protestantismo na Inglaterra, selando a independência da igreja inglesa da igreja romana/papal, além de apoiar a publicação do "Livro de Oração Comum".

Entretanto, com a sua morte, foi sucedido por apenas nove dias pela rainha Jeanne Grey e, a seguir, assumiu o reinado da Inglaterra a irmã de Elizabeth, Maria, católica fervorosa que reimplantou o catolicismo na Grã-Bretanha e reestaleleceu as "Leis contra os Hereges" (já em 1554). Neste mesmo ano Elizabeth começou a viver uma nova fase conturbada de sua vida. Quando sua irmã, Maria, declarou que iria se casar com o futuro rei da Espanha (Felipe II) – firmando definitivamente o catolicismo na Inglaterra – houve uma revolta popular[49] contrária a tal casamento (e união política) e propagando que Elizabeth assumisse o trono. Entretanto, Elizabeth não tinha nenhuma parte nisto e, ainda assim, foi presa e enviada à Torre de Londres. Entretanto, ainda que pressionado pelos espanhóis a executá-la mas, diferentemente do que fez com a rainha Jeanne Grey, livrando-se assim da possibilidade desta protestante reasssuir o trono, o parlamento inglês se recusou a mandar Elizabeth – uma integrante da família Tudor – ao patíbulo. Não satisfeita, sua irmã, a rainha Maria, tentou retirar Elizabeth da linha sucessória, o que também não conseguiu. Por isso, Maria manteve Elizabeth afastada de Londres, presa em uma residência no campo, sem contato algum com o meio político.

Enquanto isso, Maria continuou perseguindo vigorosamente os protestantes, nas chamadas "Perseguições Marianas", assassinando 284 cristãos – cujos relatos foram registrados no Livro dos Mártires (de John Foxe) – durante quatro terríveis anos, recebendo, assim, o apelido que a acompanhou por toda a história: "Maria, a Sanguinária" (*Bloody Mary*).

Neste período, Elizabeth voltou ao palácio em 1555 para assistir a fase final da gravidez da rainha Maria pois, se esta morresse no parto junto ao bebê, Elizabeth teria de assumir imediatamente o trono. Mas quando ficou claro que Maria não estava grávida, ficou patente a sua esterilidade e, com isso, Elizabeth passou a ser vista como a única sucessora ao trono, ainda que vivendo sem poder participar de nenhum assunto político. Entretanto, cada

vez mais doente, Maria viria falecer em 1558, em meio a festas nas ruas de Londres pelo fim daquele governo de terror, sendo sucedida por sua irmã Elizabeth.

Elizabeth assume como rainha

Coroada em 15 de janeiro de 1559, já nesta cerimônia Elizabeth começou a demonstrar que a Inglaterra retornaria ao protestantismo, questionando o porquê de a cerimônia ser em latim se a maioria dos presentes só entendia o inglês.

Filha da rainha Ana Bolena – ardorosa defensora do protestantismo – e educada por tutores protestantes, a rainha Elizabeth I se tornou a mulher que mais influenciou as sociedades modernas com as doutrinas protestantes que moldaram a cultura britânica. Nenhuma outra mulher deteve um poder tão elevado como ela, e em seu longo governo – nada menos que 44 anos – a Inglaterra elevou-se como uma potência em níveis até então jamais alcançados.

Neste livro, poderia dedicar uma infinidade de páginas para falar sobre este governo, mas me aterei aos assuntos relacionados às contribuições da causa protestante que esta magnífica mulher nos legou, ainda que tais reformas tenham sido menos radicais que em outros países da Europa.

Sua corajosa luta contra o poder católico-romano

Lembrando que o governo papal sempre tentara dominar os países, impondo guerras ou, quando em desvantagem militar, fazendo levantes de governos sob sua influência para que fizessem guerra para derrubar governos autônomos ao Vaticano – além de anatemizar as nações, sob pena de maldições ao povo –, no caso da Inglaterra, desde o rompimento de Henrique

VIII, o papado tivera dificuldades, só voltando ao controle do trono inglês durante o governo de Maria I.

Com a subida de Elizabeth ao trono, o papado não a reconheceu como rainha da Inglaterra e colocou toda aquela nação sob interdito papal, gerando nos católico-romanos daquele país uma pressão para derrubar sua governante. Além disso, a excomunhão de Elizabeth pelo papa Pio V em 1570 gerou uma reação ainda maior aos romanistas da Inglaterra. Enfrentando o poder papal sem medo, mediante o novo "Ato de Supremacia" – aprovado pelo parlamento inglês[50] e que tornou-se lei em 8 de maio de 1559 – exigia a todos os funcionários públicos a declaração de fidelidade à Inglaterra e seu monarca ou ao papado e seu monarca, sob a pena de perderem os seus cargos e empregos.



Naturalmente, o papado não ficou satisfeito e, após muitas tentativas de retirar Elizabeth do governo, em conluio com a mais poderosa nação da época, a Espanha, tentou invadir a Inglaterra com sua "Armada Invencível" (em 1588), com muito mais força em seus 127 navios (e 18.000 soldados, além dos 8.000 marinheiros), não contando, entretanto, com a derrota da mesma em pleno mar, através de uma tempestade inesperada, que não apenas fez naufragar 37 navios como também fez os navios retornarem à Espanha). "Deus soprara seus ventos" e eliminava a ameaça católica-romana de invadir a Inglaterra.

A reação da rainha foi imediata: os seguidores do catolicismo-romano passaram a ser considerados como traidores da nação e, assim, perderia sua

influência por toda a história inglesa. Ainda que tenha cometido os mesmos exageros que sua irmã, Maria I, tal como a implantação da pena de morte aos clérigos católico-romanos que não prestassem lealdade primária à Inglaterra e seu governo, deve-se considerar que o início de seu governo adotou uma política de tolerância aos católicos-romanos (como pode ser visto na reedição do "Livro de Oração Comum") mas que, após a rebeliões promovidas pelos romanistas para assassiná-la e impor uma liderança papista, como as de 1569 e 1571, além da bula papal de excomunhão, de 1570, a fizeram endurecer sua política para com aqueles.

Seu apoio à causa reformada foi além da Inglaterra, tendo apoiado protestantes diante das perseguições católicas em nações como a França e a Holanda, assim como na Escócia onde, em 1559, Elizabeth apoiou a implantação da Reforma Escocesa, conduzida pelo reformador John Knox, enviando seus exércitos para defender os escoceses dos ataques franceses (em apoio ao papado), facilitando a vitória escocesa que redundou na Reforma do parlamento escocês, no "Ato de Ratificação da Confissão de Fé" e no "Ato de Jurisdição Papal", todos em 1560, levando a Igreja Escocesa a adotar a doutrina presbiteriana/calvinista, confirmadas na "Primeira Assembleia Geral da Igreja da Escócia" e no "Primeiro Livro de Disciplina", datados do mesmo ano supracitado.

Vale considerar que, apesar de o cristianismo ter sido perseguido pelos poderes estatais e seus braços armados por toda a sua história, a partir do advento da Reforma Protestante vários governos decidiram reagir a tais perseguições usando da mesma moeda, através da constituição de exércitos para se defenderem (e, mui eventualmente, até atacarem).

Vida pessoal

Elizabeth jamais se casou, apesar das insistências do parlamento inglês em deixar um sucessor direto ao trono. A pressão aumentou em 1562, quando Elizabeth sofreu de catapora. Ainda que tivesse se recuperado sem sequelas, o parlamento insistiu em que se cassasse, obtendo como resposta de Elizabeth seu silêncio. Ainda que tivesse vários pretendentes – incluindo príncipes,

com objetivos de se estabelecerem alianças políticas com a Inglaterra, podendo, na geração seguinte, eliminar tudo o que construira – Elizabeth decidiu permanecer celibatária, vindo a ser conhecida como "A Rainha Virgem"[51].

Assim, vindo a falecer em 1603 (aos 69 anos de idade), Elizabeth foi sucedida por seu primo Jaime I, que manteve a Igreja da Inglaterra firme em sua direção independente das intervenções supersticiosas, dogmáticas, doutrinárias e políticas do Vaticano.

Conclusão: o legado da rainha Elizabeth I

O legado de Elizabeth foi, sem dúvida, imenso, seja na unificação da peculiar identidade inglesa como, também, em várias áreas, como as culturais – cujo explendor pode ser observado em personagens como William Shakespeare (representante máximo do *Teatro Isabelino*) e Christopher Marlowe, assim com o o ensaísta Francis Bacon e o filósofo político Richard Hooker – e econômicos, quando reestabeleceu a confiança na moeda do país e implantou a Bolsa Real de Londres[52] e apoiou várias companhias comerciais[53], dentre as quais a Companhia das Britânica das Índias Orientais, que cimentou a potência britânica em toda a Ásia.

Ainda que muito mesclada à política real, a Reforma Elizabethiana legou às gerações seguintes aspectos defendidos pelos reformadores, tais como os listados a seguir.

Cerimoniais religiosos na linguagem do povo

Tratou-se da última coroação em latim, pois a partir da próxima (no caso, do rei Jaime I[54]), todas as coroações passariam a ser em inglês.

Fim do celibato aos líderes religiosos

Pautada na comissão bíblica levantada para este fim, Elizabeth concedeu aos líderes religiosos ingleses (bispos e padres, por exemplo) autorização de se casarem, conforme a orientação bíblica que fora alterada pelo papado a partir do século XIII.

Revisão e apoio à leitura e aquisição do "Livro de Oração Comum" por cidadãos comuns

Livro de apoio ao culto não apenas nos aspectos litúrgicos mas, também, doutrinários, desde sua primeira publicação (1549, sob Eduardo VI) praticamente se atinha aos púlpitos mas, através do apoio de Elizabeth, ele foi reeditado em 1558 (infelizmente, por reincluir parte dos dogmas romanistas, tendo removido alguns artigos considerados muito ofensivos aos católicos-romanos) e passou a ter sua aquisição incentivada a qualquer pessoa, e não apenas ao clero. A escritora, historiadora e atual capelã[55] de Universidade de Oxford, Rev. Judith Maltby, cita a história de paroquianos em Flixton (Suffolk), que levavam os seus próprios livros de oração à igreja. Entre 1549 e 1642, aproximadamente 290 edições do livro de oração foram produzidas. Em 1662, de acordo com Maltby, cerca de um milhão de "Livros de Oração Comum" estavam em circulação.

"Obrigatoriedade" aos ingleses irem aos cultos dominicais – e se instruírem no conhecimento bíblico

Ainda que não fosse o ideal e hoje rejeitemos esta atitude – uma vez que as pessoas passaram a fazê-lo por obrigação, e não por desejo – no "Ato de Uniformidade" (1558) todos os ingleses passaram a ter que, obrigatoriamente (ainda que sob multas leves), frequentar os cultos aos domingos pela manhã. O objetivo era fazer o povo – iletrado nas Escrituras Sagradas diante da ausência de estudos e pregações bíblicas

nas missas romanas – a conhecerem as Escrituras Sagradas, inclusive por agora serem expressas em inglês, a língua que as pessoas falavam, fazendo-as conhecer e ter acesso aos textos bíblicos conforme o rei Henrique VII já iniciara.

Liderança feminina da igreja inglesa

O "Ato de Supremacia" aprovado pelo parlamento inglês confirmou a rainha Elizabeth como Líder Suprema da Igreja da Inglaterra, oficializando uma mulher como líder daquela igreja – a maior denominação do mundo – quebrando o estigma de muitos que pensaram ser inaceitável para uma mulher exercer.

Permissão às famílias sentarem-se juntas no culto

Outra mudança litúrgica promovida pela rainha Elizabeth, no "Ato de Uniformidade", foi a permissão de família sentarem-se juntas e, consequentemente, homens e mulheres sentarem lado a lado, uma vez que na igreja romanista homens e mulheres sentavam-se separadamente no templo.

É natural que a Reforma Elizabethiana não tenha sido completa tendo, em alguns casos, cedido a padrões litúrgicos utilizados pelos romanistas (como os paramentos sacerdotais, o uso de crucifixos etc.) e, por isso, consequentemente recebeu constante crítica por parte dos puritanos – com quem nós, evangélicos, mais nos identificamos – que lutavam por uma igreja menos formal e mais espiritual. Mas, ainda assim, a liberdade de acesso às Escrituras Sagradas a todo povo, não apenas ouvindo-a (mesmo que obrigatoriamente) em sua própria língua, como, também, podendo tê-la em suas casas, e a liberdade de interpretação dos textos bíblicos, foram conquistas grandiosas.

Uma mulher que não aceitou a palavra "frágil" em sua vida, e enfrentou

todos os tipos de adversidades desde sua infância, mas que, ainda assim, não foram capazes de detê-la.



Conclusão

Ainda que tenham sido muitas as mulheres que militaram pela causa evangélica no século XVI, a história falhou com justiça ao ignorar o necessário registro de seus feitos e nomes, cujo amor, zelo e trabalho foram não menos intensos e frutíferos que os dos homens, ainda que a sociedade daquele século os privilegiasse nos púlpitos e salas de aula em detrimento ao saber das mulheres. Por isso, hoje todos conhecem a história dos reformadores e seus escritos, pensamentos e ações, mas, sob a complacência da igreja de todas as áreas, sempre envolta sob os mantos culturais, pouco sabemos sobre as "reformadoras". Estas mulheres tiveram um papel ativo na queda da religião papal e na consequente liberdade de expressão, de imprensa, de culto e, envolto a tudo isto, de acesso às Escrituras Sagradas.

Entretanto, apesar do preconceito da sociedade; apesar da portentosa força política, jurídica e militar da igreja romanista e todo seu reinado de terror às liberdades individuais, e apesar da falta de apoio mais expressivo (quando, em alguns casos, da omissão ou mesmo da oposição) por parte de líderes reformados, estas sete mulheres não se conformaram nem tiveram os seus dons e vocações obliterados. Pelo contrário, desenvolvendo seus talentos, suas habilidades adquiridas e os dons recebidos pelo Espírito de Deus – que lhos distribui como lhe apraz, e não como as sociedades queiram determinar – os desenvolveram, frutificando aquilo que Deus as confiou.

Estas mulheres, que reformaram a igreja e as sociedades onde estavam inseridas, obrigaram a história a quebrar sua rotina e, paradigmaticamente, dedicar tinta e pergaminho para perpetuar os seus nomes a todos.

Por tudo o que fizeram, estas mulheres ostentaram com fulgor o pendão reformado "Sola Gratia, sola Fide, sola Scriptura, solus Christus, soli Deo gloria", sendo este lema refletido nos frutos e nas sementes que germinaram por seguidas

gerações de cristãos, traduzindo-se na salvação de vidas e edificação da igreja.



"Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gl 3.28).

BIBLIOGRAFIA

- BAINTON, Roland. Mulheres da Reforma na Alemanha e na Itália. Minneapolis 1971.
- BAUTZ, Friedrich Wilhelm: GRUMBACH, Argula von. In: Biographisch-Bibliographisches Kirchenlexikon (BBKL). Band 2, Hamm 1990.
- BOURDEILLE, Pierre de, Vida de las señoras ilustras francesas y extranjeras, París, Clásicas Garnier, préface de Louis Moland.
- BROGLIE, Louise de, comtesse de Haussonville, Marguerite de Valois, Reina de Navarra, París, Michel Lévy, 1870.
- CERATI, Marie, Marguerite de Navarra, Paris, Sorbier, 1981.
- CHOLAKIAN, Patricia F. e CHOLAKIAN, Rouben C. Marguerite de Navarre: Mother of the Renaissance. New York, Columbia University Press, 2006. 448 pp.
- DÉJEAN, Jean-Luc, Marguerite de Navarra, París, Fayard, 1987.
- DOMRÖSE, Sonja: Frauen der Reformationszeit, Gelehrt, mutig und glaubensfest, Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen 2010.
- DOUGLASS, Jane D., Marie Dentière's Use of Scripture in Her Theology of History, in Biblical Hermeneutics in Historical Perspective, ed. Mark S. Burrows and Paul Rorem. Grand Rapids: Eerdmans's Publishing Company, 1991.
- DUCLAUX, Mary e DARMESTETER, Mary James. La Reina de Navarra, Marguerite de Angulema.
- DURANT, Will, The Story of Civilization, v. VI, The Reformation, p. 501, Simon and Schuster, New York, 1953.
- FEBVRE, Lucien , El Problema del incroyance al XVIe siglo. La religión de Rabelais, París, Albin Michel, 1980.
- GANZER, Klaus: Lexikon der Reformationszeit. Herder, Friburgo em Breisgau 2002.
- GEIGER, Ludwig: Argula von Grumbach. In: Allgemeine Deutsche Biographie (ADB). Band 10, Duncker & Humblot, Leipzig, 1879.
- HALBACH, Silke: Argula von Grumbach als Verfasserin reformatorischer Flugschriften. In: Europäische Hochschulschriften 468, 1992.
- HEINSIUS, Marie: Das Bekenntnis der Argula von Grumbach (Christliche Wehrkraft; 34). Müller, Munique, 1928.
- HEINSIUS, Marie: Das unüberwindliche Wort. Frauen der Reformationszeit. Kaiser, Munique, 1951.
- JOURDA, Pierre. Une princesse de la Renaissance, Marguerite d'Angoulême, reine de Navarre, 1492–1549, Genève, Slatkine Reprints, 1973.
- JULES, Michelet, Histoire de France, n.d., 5 v.
- KIRCHMEIER, Bernhard: Argula von Grumbach. Eine bemerkenswerte Frau in der Reformationszeit. Grin, Munique, 2009.
- KOLDE, Theodor: Arsacius Seehofer und Argula von Grumbach. In: Beiträge zur bayerischen Kirchengeschichte, 1905.
- LIBERATI, Tania, La ley y la violencia en la narración breve a la Humanisme y a la Renacimiento,University of California Berkeley, Berkeley, 2003.
- LUALDI, Katharine J. "Sources of Making the West." Boston, Bedford/St. Martin's, 2005.

- MATHESON, Peter. “Argula von Grumbach”. Edinburgo, T&T Clark, 1995.
- MCKEE, Elsie Anne, Katherine Schultz Zell: A vida eo pensamento de um reformador do século XVI, vol 1. Boston: Brill, 1999.
- PUTNAM, Samuel, Marguerite of Navarre, Grosset & Dunlap, New York, 1936.
- RIEGER, Georg Konrad: Das Leben Argulä von Grumbach, Stuttgart, 1737.
- SAULNIER, Verdun-Louis, Marguerite de Navarra: Arte medieval y pensamiento nuevo, Revista Universitaria, LXIII, 1954.
- SPACHMÜLLER, Herbert: Argula von Grumbach, Selbst ist die Frau; Christin, Draufgängerin, Publizistin. Evangelisch-Lutherische Kirchengemeinde St. Martin, Schwabach 1992.
- STUPPERICH, Robert: Grumbach, Argula von. In: Neue Deutsche Biographie. Band 7, Duncker & Humblot, Berlim 1966, S. 212.
- TUCKER, Ruth A. e LIEFELD, Walter. *Daughters of the Church: Women and Ministry from New Testament Times to the Presen*t. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1987.
- WAST, Nicole, Marguerite de Navarra, perla de las Valois, París, Max Fourny, 1976.
- WEIGELT, Sylvia: Der Männer Lust und Freude sein. Frauen um Luther. Wartburg Verlag 2011.

SOBRE O AUTOR

A biografia de Martinho Lutero Semblano encontra-se disponível em

www.**martinholutero**.org

LIVROS DO AUTOR

(Listagem atualizada em janeiro de 2016)

SÉRIE "OPÚSCULOS"

- Sobre o Batismo nas Águas
- Sobre a Santa Ceia do Senhor
- Sobre a Santificação
- Sobre a Música Cristã
- Sobre o Evangelismo
- Sobre a Bíblia: meus primeiros passos
- Sobre a Oração: eu posso falar com Deus?
- Sobre os Dízimos e as Ofertas
- Sobre a Cerimônia de Investidura Ministerial
- Sobre o surgimento do Diaconato
- A vida íntima do casal: o que "é" e o que "não é" pecado segundo a Bíblia

ESTUDOS BÍBLICOS VARIADOS

- Anjos, demônios e o mundo espiritual (vol. 01)
- Anjos, demônios e o mundo espiritual (vol. 02)
- Anjos, demônios e o mundo espiritual (vol. 03)
- Horóscopo, signos e astrologia à luz da bíblia
- Aborto à luz da bíblia

SÉRIE "TEOLOGIA" *(em produção).*

- Teologia Sistemática 01: Prolegômenos
- Teologia Sistemática 02: Bibliologia – A Doutrina das Escrituras Sagradas
- Teologia Sistemática 03: Teontologia – A Doutrina de Deus

SÉRIE "VIDA ACADÊMICA"

- Bereshit: a criação, do Big Bang à costela de Adão

- Materiais utilizados no processo de escrituração da bíblia
- Idiomas e dialetos do Antigo Testamento: o desenvolvimento gradual da escrita e da linguagem durante o período vétero-testamentário
- História da igreja em ordem cronológica (vol. 02): de 31 a 49 d.C.
- História da igreja em ordem cronológica (vol. 03): de 50 a 56 d.C.
- História da igreja em ordem cronológica (vol. 04): de 57 a 61 d.C.
- História da igreja em ordem cronológica (vol. 05): de 62 a 63 d.C.

Série "Reforma Protestante"

- *Sola Scriptura*: o resgate das Escrituras do monopólio das superstições
- O Legado da Reforma Protestante na literatura, na liberdade de imprensa e na música
- Análise Hooykaasiana da Reforma Protestante como impulsionadora da ciência
- A Reforma Protestante e a desdeificação do sacerdócio
- A Reforma Protestante como propulsora da liberdade de imprensa
- Reformadoras: as mulheres da Reforma Protestante
- O Dia de Finados como propulsor da Reforma Protestante
- *Fides quaerens intellectum*: Protestantismo e Educação
- A Reforma Zwingliana

Série "Liderança Cristã"

- Muito além do púlpito: a real expectativa daquele que é chamado a servir na obra de Deus
- A esposa do líder: amiga, ovelha, mulher
- Os filhos de líder: privilégio ou fardo? (Dez conselhos aos pais que exercem lideranças eclesiásticas)
- "De folha a fruto": o discipulado e suas fases de maturação
- Abertura de novas igrejas: uma necessidade à luz da bíblia, da doutrina, do amor, da lógica e da história
- Lideranças ministeriais: reuniões, delegação de tarefas, supervisão e mudança de líderes
- "Ordem e Progresso": a importância do diaconato na vida da igreja
- "Tive fome": o serviço de assistência social da igreja
- Abertura de novos cultos: objetivos, formatos, nominação e aspectos práticos para sua implantação
- Kerygma: a homilética a serviço do pregador (Curso de Pregadores)
- A importância da imagem do líder
- O líder e a direção do culto
- O líder e a direção de cerimônias e eventos especiais
- O líder, a acolhida aos visitantes e a integração de novos membros
- O líder como anfitrião: recepcionando pregadores convidados
- O líder e o aconselhamento pastoral

- Visitas Pastorais
- Com quem casar: a segunda decisão mais importante da vida (Curso de Noivos)
- Divórcio e novo casamento: perspectivas bíblicas
- “Em nome de Jesus!”: o líder, a cura divina e a libertação demoníaca
- Lidando com os manipuladores: crente-chupetinha, crente-sanguessuga, crente-corvo, o crente-bode e crente-diabo
- Lidando com as críticas e a oposição interna na igreja
- Quem ama não abandona: Lidando com as decepções e com a saída de membros
- “Até, tu?”: O líder diante das traições e das divisões na igreja
- “No deserto”: O desânimo na vida do líder
- Quebrantamento na vida do líder: de volta às mãos do Oleiro
- O Princípio de Autoridade e a prática do amor altruísta: sobre a submissão, a obediência, o exercício da honra e o espírito cristão
- Visão ministerial e identidade denominacional: sua lógica, sua natureza e sua importância para a igreja
- Características de um verdadeiro líder e suas diferenças para os líderes *pro forma*: qual destes você decidirá ser?
- “A igreja tem a cara de seu pastor”: O nível do líder e seu reflexo na igreja
- O Princípio de Jetro: O líder deve levantar outros líderes
- O líder é criativo e não-conformado: a importância do marketing para a igreja alcançar mais vidas
- O líder e a ética ministerial
- O sustento do líder e a ética financeira

Série “Mensagens de Bolso”

- Tola, filho de Puá, filho de Dodô
- A Parábola de Balaão
- Você dá dinheiro pra pastor???

Notes

[←1]

Quanto às interpretações doutrinárias – e dogmáticas – sobre a participação das mulheres na liderança da igreja, abordo este assunto em outro livro, “Opúsculo sobre o papel das mulheres na liderança da igreja”, a ser lançado por esta mesma editora.

[←2]

Sobre a interpretação dos textos bíblicos que abordam assuntos relacionados ao papel das mulheres na igreja, como os textos paulinos escritos aos coríntios (*"Conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar... porque para a mulher é vergonhoso falar na igreja"*, 1Co 14.34a,35b), abordo este assunto em um livro específico, "OPÚSCULO SOBRE O PAPEL DAS MULHERES NA LIDERANÇA DA IGREJA", no qual apliquei algumas ferramentas hermenêuticas e exegéticas sobre os textos sagrados para dar ao leitor escólios que sirvam de subsídios para somar aos seus estudos e aumentar a compreensão aos registros bíblicos relacionados a este assunto.

[←3]

Desde 2002 este castelo, às margens do rio Reno, é considerado “patrimônio cultural da humanidade” pela UNESCO.

[←4]

Editada clandestinamente em Nuremberg em 1483, pelo editor Anton Koberger.

[←5]

Cuja imagem da capa retrata a página inicial deste capítulo.

[←6]

Medalha nobiliárquica de Argula, com seu retrato, datado de cerca de 1520, em exposição no Museu Nacional Germânico, em Nuremberg.

[←7]

Fundado no Canadá, em 1971, pelo quacker americano Robert (Bob) Hunter.

[←8]

Somente após o Concílio de Trento a idade mínima para o cargo de abadessa passou a ser de 41 anos, razão pela qual Dentière tinha 29 anos de idade quando assumiu tal função.

[←9]

O nome completo era “Epístola muito útil, feita e composta por uma mulher cristã de Tournai, enviada à rainha de Navarra, irmã do rei da França, contra os turcos, os judeus, os infiéis, os falsos cristãos, os anabatistas e os luteranos”.

[←10]
Marie incluída.

[←11]

‘*Froment’*, em francês.

[←12]

Como pode ser vista na imagem desta página.

[←13]

Na região de Leipzig.

[←14]

Na imagem acima, a escultura de Khatarina von Bora em frente à Igreja Luterana de Ludwigshafen do Reno, produzida pelo casal de escultores Gernot e Barbara Rumpf.

[←15]

Na região de Halle.

[←16]

Na região de Grimma.

[←17]

À época, o estado da Saxônia foi dividido em duas partes após a morte de Frederico II: o ramo albertino (iniciado por Alberto) e o ramo ernestino (iniciado por Ernesto). O ramo albertino ficou sob influência dos católicos-romanos (dentre cujos duques estava o citado neste texto, Jorge) e os ernestinos, pelos cristãos reformados.

[←18]

Na foto acima o autor deste livro está ao lado de um monumento à Khatarina von Bora no jardim em frente à residência do casal Lutero em Wittenberg (2001).

[←19]

E que introduziu a Reforma Protestante na Pomerânia e na Dinamarca.

[←20]

Foto do autor na porta de entrada da casa de Martinho & Khatarina Lutero, em Wittenberg (2001).

[←21]

Vale considerar que, à época, Lutero era o sobrenome, como ainda o é na Alemanha. A partir do reformador, Lutero passou a se tornar nome nome próprio ou nome composto – Martinho Lutero.

[←22]

Atualmente existe cerca de 2.800 descendentes de Lutero e de seu irmão, Tiago, e que se reunem anualmente na Alemanha, mantendo-se informados através do informativo *"Geschichte der Familienvereinigung der Lutheriden (Familienblätter)"*, lançado em 1925.

[←23]

Na imagem acima, a placa de uma rua de Munique chamada “Katharina von Bora”.

[←24]

Imagem de um selo postal da Alemanha, emitido em 1998.

[←25]

O desenho da página anterior é de John James Hinchliff (1805-1875), ilustrando a edição de 1864 do Heptamerão, obra escrita por Margarida.

[←26]

De Alençon, de Berry e de Armagnac.

[←27]

De Rodez, de Fézensac, de L'Isle-Joudain, de Pardiac, de Perche e de Porhët.

[←28]

De Fézenzaguet, de Lomagne, de Brulhois, de Cressey e d'Auvillars.

[←29]

De Castelnau, de Caussade e de Montmiral.

[←30]

De La Flêche e de Baugé.

[←31]

Citado em DÉJEAN, Jean-Luc, “Marguerite de Navarra”. Fayard, Paris: 1987.

[←32]

Futuro líder da Reforma Genebrina, na qual trabalhou conjuntamente a João Calvino, por ele convidado.

[←33]

A distância entre Paris e Meaux é de 42 quilômetros.

[←34]

De fato, d’Etaples afirmava que as três Marias eram a mesma – Madalena. Entretanto, ainda que houvesse tal interpretação heterodoxa, a censura o impedia de escrever e publicar suas ideias, correndo o risco de ser morto na fogueira pelo crime de heresia.

[←35]

Verso 925, IN DÉJEAN, Jean-Luc. Ibid.

[←36]

1798–1874.

[←37]

1647–1706.

[←38]

Cidade vizinha a Paris, distante desta 22 quilômetros.

[←39]

Com o nome de Henrique IV.

[←40]

Título honorífico dedicado àqueles que se casam com reis ou rainhas, ainda que não detenham, na prática, nenhum poder real. Trata-se de um título meramente *pro forma*.

[←41]

IN BAITON, Roland H. “Women of the Reformation in France and England”. Minneapolis: 1973.

[←42]

Há duas possibilidades para a origem deste nome que denominava os cristãos franceses. A primeira é a do filólogo e humanista Henri Estienne que, em sua “Apologia a Heródoto” (1566) os associava ao local de encontro dos protestantes da cidade de Tours: “Os protestantes de Tours se congregavam à noite em um local próximo à Porta do Rei Hugo...”. Outra versão é a apresentada pelo historiador H. G. Königsberger que, em seu livro “O mundo moderno” declara que este termo provém da palavra suíço-germânica *Eidgenossen*, cujo significado é “confederados”, nome usado para as cidades suíças que adotaram a Reforma. Entretanto, o próprio sucessor de Calvino, Teodoro de Beza, aponta para a localização de Tours como a origem do nome huguenote.

[←43]

A primeira (1562–1563), a segunda (1567–1568), a terceira (1568-1570), a quarta (1572–1573), a quinta (1574–1576), a sexta (1576–1577), a sétima (1579–1580) e a oitava (1585–1598). Estas são as guerras, sem considerar os desdobramentos posteriores até o Édito de Tolerância (em 1787).

[←44]

Em 9 de junho de 1572.

[←45]

Estima-se que foram assassinados mais de 10.000 protestantes, naquela noite, em toda a França. O papa Gregório XIII, ao saber sobre tal matança, encomendou um *"Te Deum"*, antigo hino usado como ação-de-graças, na Basílica de São Pedro.

[←46]
Catherine Ashley.

[←47]

William Grindal.

[←48]
Roger Ascham.

[←49]

Denominada de “Rebelião de Thomas Wyatt”.

[←50]

Foto do autor diante do parlamento inglês (2010).

[←51]

O que levou, inclusive, ao colono britânico Walter Raleight a batizar o estado de Virgínia, nos Estados Unidos, em homenagem à rainha.

[←52]

Através da administração de Thomas Gresham, em 1571, com o nome de Royal Exchange, baseado na Bolsa de Valores da Antuérpia.

[←53]

Como a Companhia dos Mercadores Aventureiros e a Companhia do Leste (rivalizando com a Companhia de Hansa), a Companhia de Moscou (que estabeleceu o comércio com a Rússia e a Pérsia).

[←54]

Vale observar que o pregador da coroação do rei Jaime I (que viria a ordenar a tradução da bíblia ao inglês, que levaria seu nome, “KING JAMES VERSION”) foi o reformador escocês John Knox, em 24 de março de 1603.

[←55]

Desde 1993.